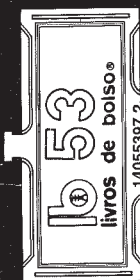


BRANQUINHO DA FONSECA

O BARÃO

3 P70-FDS1



EUROPA-AMÉRICA

O *Barão*, que Branquinho da Fonseca publicou pela primeira vez em 1952, sob o pseudônimo de António Madeira, é uma das mais significativas, densas e complexas novelas do autor. Um inspector das escolas de instrução primária vê-se, por imposição das suas funções, coagido ao nomadismo. E dispõe-se a escrever para contar uma inesquecível viagem de serviço que o levará a um vetusto solar de província, onde o Barão se condenara a um sedentarismo solitário e dramático. Personagem intrigante e contraditória, que oscila entre a tirania e o sentimentalismo, o Barão apodera-se do inspector e obriga-o a partilhar o seu mundo durante uma noite alucinante marcada por confidências delirantes e cenas imprevisíveis.

A intrigante figura do Barão, com as suas qualidades e defeitos, as suas obsessões e os seus sonhos, é simultaneamente uma realidade, um mito e um símbolo.

Neste volume incluem-se também dois dos mais belos contos do autor: «As Mãos Frias» e «O Involuntário».

ISBN 972-1-00215-1



5 601072 405530



Grandes Obras

Contemporâneo
TEXTO
INTEGRAL



ALVARCO-ÍRIS

http://www.liv-arcoiris.pt
Avenida Jello Dantas, nº 6A (no Campo Pequeno) • 1050 Lisbon
Telephone (01) 795 51 40 • Telefax (01) 796 97 13

FILozOFIE KÁ F. ...
MASARYKOVY U. ...
KATEDRA ROMANISTIKY A FOLKLORU
KNIHOVNA - ODDĚLENÍ FOLKLORU

870-7051

č. inv. 521-97

livros
de bolso
europa
america

5310

Colecção «Livros de Bolso Europa-América»

- 1 — *Estírios*, Socrate Pereira Gomes
 2 — *O Místico Cego*, Vladimir Korolenko
 3 — *Frei Luis de Sousa*, Almeida Garrett
 4 — *A Oeste Nada de Novo*, Erich Maria Remarque
 5 — *A Missão*, Ferreira de Castro
 6 — *Mar Morto*, Jorge Amado
 7 — *A Um Deus Desconhecido*, John Steinbeck
 8 — *O Valente Soldado Chechik*, Jaroslav Ivasak
 9 — *A Cidade do Sossogo*, Nicolau Cogol
 10 — *O Monte dos Ventos Urrantes*, Emily Brontë
 11 — *Garbous, Alves Redol*
 12 — *Cartas do Meu Moínho*, Alphonse Daudet
 13 — *O Mádico e o Monstro*, Robert Stevenson
 14 — *O Homem do Rio*, William Faulkner
 15 — *Sementes de Violência*, Evan Hunter
 16 — *O Retrato de Ricardina*, Camillo Castelo Branco
 17 — *Sorvas da Proprieta*, Júlio Dinis
 18 — *As Desencantadas*, Pierre Loti
 19 — *Domingo a Tarde*, Fernando Namora
 20 — *Germinál*, Emílio Zola
 21 — *Manha Submersa*, Vergílio Ferreira
 22 — *Bel-Ami*, Guy de Maupassant
 23 — *Morreram pela Pátria*, Mikail Cholekov
 24 — *O Príncipe*, Maquiavel
 25 — *As Mãos Sujas*, Jean-Paul Sartre
 26 — *Viagens na Minha Terra*, Almeida Garrett
 27 — *O Elicóptero*, Thomas Mann
 28 — *O Grande Matadouro*, Alain-Fournier
 29 — *O Pregador*, Erskine Childwell
 30 — *Poitouchka*, Leon Tolstói
 31 — *Gente de Hensó*, August Strindberg
 32 — *Filha de Labão*, Tomás da Fonseca
 33 — *Um Dia na Vida de Ivan Denisovitch*, Alexandre Soljenitsine
 34 — *A Cicotava*, Alberto Moravia
 35 — *Os Homens e os Outros*, Elio Vittorini
 36 — *O Fogo das Cinzas*, Manuel da Fonseca
 37 — *Alheque Nocturno*, Máximo Gorki
 38 — *Revolução no Abaixo*, Sir John Barrow
 39 — *Recordações da Casa dos Mortos*, Fedor Dostoiévski
 40 — *O Anónimo*, Alberto Moravia
 41 — *Vinte Quatro Horas na Vida de Uma Mulher*, Stefan Zweig
 42 — *Morte Dum Caixeiro Viajante*, Arthur Miller
 43 — *A Rua do Gato Que Pesca*, Yolanda Földes
 44 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, Júlio Dinis
- 45 — *A Ponte*, Manfred Gregor
 46 — *A Noite Roxa*, Urbano Tavares Rodrigues
 47 — *Melodia Interrompida*, Boris Pasternak
 48 — *Nana*, Emílio Zola
 49 — *Utopia*, Thomas More
 50 — *Engrenagem*, Socrate Pereira Gomes
 51 — *A Religiosa*, Diderot
 52 — *Notas Brancas*, Fedor Dostoiévski
 53 — *O Barão*, Brancquino da Fonseca
 54 — *Z*, Vassilis Vassilikos
 55 — *Os Aitos das Borcas*, Gil Vicente
 56 — *Os Sequestrados de Alfona*, Jean-Paul Sartre
 57 — *Tracema*, José de Alencar
 58 — *A Morgadinha dos Canaviaes*, Júlio Dinis
 59 — *Tartarin nos Alpes*, Alphonse Daudet
 60 — *O Boião de Leça*, Arnaldo Gama
 61 — *Elogio de Loureira*, Erasmo
 62 — *O Chapéu de Três Bicos*, Pedro Antonio de Alencar
 63 — *Candido*, Voltaire
 64 — *A Mulher de Trinta Anos*, H. de Balzac
 65 — *Os Cavalos também Sabem*, Horace McCoy
 66 — *O Lobo do Mar*, Jack London
 67 — *A Casa de Bernarda Alba*, Federico Garcia Lorca
 68 — *Satiricon*, Petronio
 69 — *A Filha do Regicida*, Camillo Castelo Branco
 70 — *Guerra e Paz* — I, Leon Tolstói
 71 — *Guerra e Paz* — II, Leon Tolstói
 72 — *O Denunciante*, Liam O'Flaherty
 73 — *A Mãe*, Máximo Gorki
 74 — *Uma Vida*, Guy de Maupassant
 75 — *Helena*, Machado de Assis
 76 — *Escola de Mulheres e Dom João*, Molliere
 77 — *Anátoma*, Camillo Castelo Branco
 78 — *O Sol de Cobre*, André Kertész
 79 — *O Pescador de Islandia*, Pierre Loti
 80 — *2455 — Carta da Morte*, Caryl Chessman
 81 — *Memórias de Um Sargento de Milícias*, Manuel António de Almeida
 82 — *Um Herói do Nosso Tempo*, Lermonov
 83 — *Spartacus*, Howard Fast
 84 — *A Arie de Amor*, Ovidio
 85 — *O Sonho*, Emílio Zola
 86 — *Contos*, Hans Christian Andersen
 87 — *As Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift
 88 — *O Deserto do Amor*, François Mauriac
 89 — *O Apelo da Soltar*, O Grito da Floresta, Jack London
 90 — *Cartas Portuguesas*, Soror Mariana Acolorada
- 91 — *Duelo no Sol*, Niven Busch
 92 — *Pau e Virgínia*, Bernardin Saint-Pierre
 93 — *As Pupilas do Senhor-Reitor*, Júlio Dinis
 94 — *Turress Balbo*, Nicolau Cogol
 95 — *O Contrato Social*, Jean-Jacques Rousseau
 96 — *O Pão da Mentira*, Horace McCoy
 97 — *Lolita*, Vladimir Nabokov
 98 — *Noites de Nínguem*, Henry de Montherland
 99 — *Quo Vadis?*, Henryk Sienkiewicz
 100 — *Constantino, Guardador de Vazas e de Sonhos*, Alves Redol
 101 — *A Lei*, Roger Vailland
 102 — *O Exorcista*, William Peter Blatty
 103 — *Os Conquistadores*, André Malraux
 104 — *Tristão e Isolda*
 105 — *Kama Sutra*, Vatsyayana
 106 — *Sonetos*, Luis de Camões
 107 — *A Princesa de Clèves*, M.^{me} de la Fayette
 108 — *Robinson Crusoe*, Daniel Defoe
 109 — *Sátiras Sociais*, Gil Vicente
 110 — *O Drama de João Barrois*, Roger-Martin du Gard
 111 — *O Nó de Viboras*, André Mauriac
 112 — *A Estripe*, Tchekov
 113 — *O Ganito Louco*, Jean Carrière
 114 — *A Metamorfose*, Franz Kafka
 115 — *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen
 116 — *Piedade para as Mulheres*, Henry de Montherland
 117 — *Guarani*, José de Alencar
 118 — *A República*, Platão
 119 — *O Barbeiro de Sevilha*, Beaumarchais
 120 — *Grandes Esperanças*, Charles Dickens
 121 — *Amor de Soldado*, Jorge Amado
 122 — *Manina e Meca*, Bernardim Ribeiro
 123 — *A Letra Escarlate*, N. Hawthorne
 124 — *A Grande Maratilha da China*, Franz Kafka
 125 — *Uma Noite em Lisboa*, Erich Maria Remarque
 126 — *A Pequena Radcliffe*, George Sand
 127 — *O Macaco Louco*, A. Szent-Györgyi
 128 — *As Bodas de Figaro*, Beaumarchais
 129 — *O Jardim Perfumado: Manual de Eroteologia Árabe*, Xeque Neizau
 130 — *O Donatário do Bem*, Henry de Montherland
 131 — *Dez Dias Que Abalarão o Mundo*, John Reed
 132 — *Cem Anos de Solidão*, Gabriel García Márquez
 133 — *A Náusea*, Jean-Paul Sartre
 134 — *A Ponte do rio Kwai*, Pierre Boulle
 135 — *As Jotas Indiscretas*, Diderot
 136 — *Os Deuses Tem Sede*, Anatole France
 137 — *Este É o Bom Governo de Portugal*, Tomás Pinto Brandão
 138 — *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, Vicente Blasco Ibáñez
 140 — *Discurso sobre «A Origem e Fundamentos da Desigualdade entre os Homens»*, Jean-Jacques Rousseau
- 141 — *Vinho e Pão*, Ignazio Silone
 142 — *O Bisturi*, Horace McCoy
 143 — *As Aventuras de Huckleberry Finn*, Mark Twain
 144 — *A Filha do Alvedrigo*, Camillo Castelo Branco
 145 — *As Leprosas*, Henry de Montherland
 146 — *Historia de Uma Revolução: I e Parte II*, «*Crónica de El-Rei D. João I de Boa Memória*», Fernão Lopes
 147 — *Chamado do Mar*, James Amado
 148 — *O Arco de Sant'Ana*, Almeida Garrett
 149 — *Discurso do Máfio*, Descartes
 150 — *A Montanha Morta da Vida*, Michel Bernanos
 151 — *Fanny Hill: Memórias Duma Prostituta*, John Cleland
 152 — *A Pérola*, John Steinbeck
 153 — *O Anticristo*, Nietzsche
 154 — *Uma Família Inglesa*, Júlio Dinis
 155 — *Amor Numa Rua Escuro*, Irwin Shaw
 156 — *A Besta Humana*, Emílio Zola
 157 — *O Obelisco Negro*, Erich Maria Remarque
 158 — *Tratado de Política*, Aristóteles
 159 — *A Cubana*, Vicente Blasco Ibáñez
 160 — *América*, Franz Kafka
 161 — *Mulherzinhas*, Louisa Alcott
 162 — *Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll
 163 — *A Dama das Camélias*, Alexandre Dumas Filho
 164 — *A Face da Justiça*, Caryl Chessman
 165 — *Romeu e Julieta*, William Shakespeare
 166 — *Explandores e Misérias das Cortesias* — I, Honoré de Balzac
 167 — *Explandores e Misérias das Cortesias* — II, Honoré de Balzac
 168 — *O Banquete*, Platão
 169 — *Tempo para Amar*, *Tempo para Morrer*, Erich Maria Remarque
 170 — *A Família Bellamy* — I, John Hawkesworth
 171 — *A Família Bellamy* — II, *Segredos da Família*, John Hawkesworth
 172 — *A Família Bellamy* — III: *Os Novos Tempos*, Mollie Hardwick
 173 — *A Família Bellamy* — IV: *A Guerra para Acabar com as Guerras*, Mollie Hardwick
 174 — *A Família Bellamy* — V: *A Dança Contínua*, Michael Hardwick
 175 — *A Família Bellamy* — VI: *Fins e Princípios*, Michael Hardwick
 176 — *A Ilha dos Pingüins*, Anatole France
 177 — *A Escrava Isaura*, Bernardo Guimarães
 178 — *Morte em Veneza*, Thomas Mann
 179 — *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche
 180 — *Pensamentos*, Blaise Pascal
 181 — *Alice do Outro Lado do Espelho*, Lewis Carroll
 182 — *O Dia Cinzeno e Outros Contos*, Mário Dionísio
 183 — *Manhã a Beira do Rio* — I, George Eliot

- 184 — *Meinhof à Beira do Rio* — II, George Eliot
- 185 — *Bela de Dia*, Joseph Kessel
- 186 — *Alcorão* — Parte I
- 187 — *Alcorão* — Parte II
- 188 — *A Vida Amorosa de Moll Flanders*, Daniel Defoe
- 189 — *Lord Jim*, Joseph Conrad
- 190 — *De Angola à Contracosta* — I, Herme-
mengo do Capelo e Roberto Ivens
- 191 — *De Angola à Contracosta* — II, Herme-
mengo do Capelo e Roberto Ivens
- 192 — *O Condado de Armas*, Manuel Alegre
- 193 — *O Castelo*, Franz Kafka
- 194 — *As Aventuras de Tom Sawyer*, Mark
Twain
- 195 — *Os Infortúnios da Virtude*, Marquês de
Sade
- 196 — *Madame Bovary*, Gustave Flaubert
- 197 — *O Inferno*, Dante Alighieri
- 198 — *As Aventuras de Pinóquio*, Collodi
- 199 — *West Side Story* — «Amor sem Barreiras»,
Irving Shulman
- 200 — *Praca da Canção*, Manuel Alegre
- 201 — *A Invenção Libertina*, Colette
- 202 — *Ana Karenina* — I, Leon Tolstói
- 203 — *Ana Karenina* — II, Leon Tolstói
- 204 — *20 000 Léguas Submarinas*, Júlio
Verne
- 205 — *Os Carrões do Inferno*, Sven Hassel
- 206 — *A Vagabunda*, Colette
- 207 — *Dois Anos de Férias*, Júlio Verne
- 208 — *O Zorro e o Infante*, Arthur Koestler
- 209 — *Moby Dick*: A *Baleia Branca* — I,
Herman Melville
- 210 — *Moby Dick*: A *Baleia Branca* — II,
Herman Melville
- 211 — *Dona Bárbara*, Rómulo Gallegos
- 212 — *O Macaco Ni*, Desmond Morris
- 213 — *Catocismo Positivista*, August Comte
- 214 — *Amieiros*, Alves Redol
- 215 — *Viagem ao Centro da Terra*, Júlio Verne
- 216 — *Como Eu Atravessei a África* — I, Serpa
Pinto
- 217 — *Como Eu Atravessei a África* — II,
Serpa Pinto
- 218 — *A Quela Dum Anjo*, Camilo Castelo
Branco
- 219 — *A Cidade e as Serras*, Eça de Queirós
- 220 — *O Natal do Sr. Scrooge*, Charles
Dickens
- 221 — *Lendas e Narrativas* — I, Alexandre
Herculano
- 222 — *O Mandarim*, Eça de Queirós
- 223 — *Cinco Semanas em Balão*, Júlio Verne
- 224 — *Contos*, Eça de Queirós
- 225 — *A Ilustre Casa de Ramires*, Eça de
Queirós
- 226 — *Doze Casamentos Felizes*, Camilo Cas-
telo Branco
- 227 — *Os Lusiadas*, Luís de Camões
- 228 — *Os Carnívoros de Navarra*, Alistair
MacLean
- 229 — *Os Múias*, Eça de Queirós
- 230 — *Histórias Extraordinárias* I, Edgar
Allan Poe
- 231 — *Novelas do Minho* — I, Camilo Castelo
Branco
- 232 — *Lendas e Narrativas* — II, Alexandre
Herculano
- 233 — *A Ilha Misteriosa* — I, Os *Náufragos*
do Ar. Júlio Verne
- 234 — *As Minas de Sotomão*, Eça de Queirós
- 235 — *Eurico, o Presbítero*, Alexandre
Herculano
- 236 — *O Último Dia dum Condenado*, Vitor
Hugo
- 237 — *O Livro de Cesário Verde*, Cesário Verde
- 238 — *O País das Uvas*, Fialho de Almeida
- 239 — *A Honra Perdida de Katharina Blum*,
Heinrich Böll
- 240 — *Coração, Cabeça e Estômago*, Camilo
Castelo Branco
- 241 — *Folhas Caídas*, Almeida Garrett
- 242 — *A Ilha Misteriosa* — II: *O Abandonado*,
Júlio Verne
- 243 — *O Crime do Padre Amaro*, Eça de
Queirós
- 244 — *Os Meus Amores*, Trindade Coelho
- 245 — *Contra Mar e Vento*, Teixeira de Sousa
- 246 — *Mães e Filhas* — I, Ewan Hunter
- 247 — *A Velhice do Padre Eterno*, Guerra
Juaqueiro
- 248 — *A Relíquia*, Eça de Queirós
- 249 — *A Brasileira de Prazins*, Camilo Castelo
Branco
- 250 — *Mães e Filhas* — II, Ewan Hunter
- 251 — *O Primo Basílio*, Eça de Queirós
- 252 — *Anor de Perdição*, Camilo Castelo
Branco
- 253 — Sr. António Nobre
- 254 — *A Ilha Misteriosa* — III: *O Segredo da*
Ilha, Júlio Verne
- 255 — *Diálogos III*, Platão
- 256 — *A Correspondência de Fradique*
Mendes, Eça de Queirós
- 257 — *A Harpa do Crente*, Alexandre Her-
culano
- 258 — *Eusébio Macário*, Camilo Castelo
Branco
- 259 — *Até a Eternidade* — I, James Jones
- 260 — *A Odisseia*, Homero
- 261 — *O Condado de Abranhos*, Eça de Queirós
- 262 — *A Corja*, Camilo Castelo Branco
- 263 — *Até a Eternidade* — II, James Jones
- 264 — *O Bobo*, Alexandre Herculano
- 265 — *Campeão de Flores* — I, João de Deus
- 266 — *Novelas do Minho* — II, Camilo Castelo
Branco
- 267 — *O Regimento do Morde*, Sven Hassel
- 268 — *O Raio Verde*, Júlio Verne
- 269 — *Os Pescadores*, Raul Brandão
- 270 — *A Cartuxa de Parma* — I, Stendhal
- 271 — *Contos Populares Portugueses*, Vialo
Montinho
- 272 — *Dicionário de Milagres*, Eça de Queirós
- 273 — *A Cartuxa de Parma* — II, Stendhal
- 274 — *O Último Voo da Arca de Noé*, Chas
Carnet
- 275 — *História Trágico-Martima* — I,
Bernardo Gomes de Brito
- 276 — *A Tulipa Negra*, Alexandre Dumas
- 277 — *A Felicidade Não Se Compra*, Hans
Helmut Kirst
- 278 — *História Trágico-Martima* — II,
Bernardo Gomes de Brito
- 279 — *Histórias Extraordinárias* — II, Edgar
Allan Poe
- 280 — *Robur: O Conquistador*, Júlio Verne
- 281 — *Alves & C.ª*: Eça de Queirós
- 282 — *Deus Dormem Masária*, Hans Helmut
Kirst
- 283 — *Campeão de Flores* — II, João de Deus
- 284 — *Sonetos*, Florbela Espanca
- 285 — *Uma Vez Não Basta*, Jacqueline
Susann
- 286 — *Amor de Solhação*, Camilo Castelo
Branco
- 287 — *In Illo Tempore*, Trindade Coelho
- 288 — *Os Possessos* — I, Dostoiévski
- 289 — *Os Possessos* — II, Dostoiévski
- 290 — *Os Possessos* — III, Dostoiévski
- 291 — *A Capital*, Eça de Queirós
- 292 — *Amalher Fidalgo*, Camilo Castelo Branco
- 293 — *O Senhor do Mondo*, Júlio Verne
- 294 — *As Viagens de Marco Polo*
- 295 — *O Conde de Monte Cristo* — I, Ale-
xandre Dumas
- 296 — *A Freira no Subterrâneo*, Camilo Cas-
telo Branco
- 297 — *O Conde de Monte Cristo* — II, Ale-
xandre Dumas
- 298 — *Um Conto de Duas Cidades*, Charles
Dickens
- 299 — *Sonetos Completos*, Antero de Quental
- 300 — *O Monge de Cister* — II, Alexandre
Herculano
- 301 — *Ensaio sobre o Principio da População*,
Thomas R. Malthus
- 302 — *Oliver Twist*, Charles Dickens
- 303 — *O Livro (A Bíblia)*
- 304 — *Sensibilidade e Bom Senso*, Jane Aus-
ten
- 305 — *Noites de Lamago*, Camilo Castelo
Branco
- 306 — *A Irlanda*, Honoro
Verne
- 307 — *A Volta ao Mondo em 80 Dias*, Júlio
Verne
- 308 — *O Monge de Cister* — I, Alexandre
Herculano
- 309 — *Decameron* — I, Giovanni Boccaccio
- 310 — *A Eneida*, Virgílio
- 311 — *Verdes Anos*, Colette
- 312 — *Hamlet*, William Shakespeare
- 313 — *Portugal Contemporâneo* — I, Oliveira
Martins
- 314 — *O Ananias de Lady Chatterley*, D. H.
Lawrence
- 315 — *História de Portugal* — I, Oliveira
Martins
- 316 — *O Conde de Monte Cristo* — III,
Alexandre Dumas
- 317 — *Os Upanishades*
- 318 — *Portugal Contemporâneo* — II, Oliveira
Martins
- 319 — *Miguel Stragoff* (1.ª parte), Júlio Verne
- 320 — *Decameron* — II, Giovanni Boccaccio
- 321 — *Os Sãos e os Loucos* — I, James Jones
- 322 — *Miguel Stragoff* (2.ª parte), Júlio Verne
- 323 — *História de Portugal* — II, Oliveira
Martins
- 324 — *A Tragédia da Rua das Flores*, Eça de
Queirós
- 325 — *Os Sãos e os Loucos* — II, James Jones
- 326 — *Misericórdias de Lisboa* — I, Camilo Castelo
Branco
- 327 — *Os Anateles*, Confúcio
- 328 — *Sonetos*, Boccage
- 329 — *Misericórdias de Lisboa* — II, Camilo
Castelo Branco
- 330 — *Da Guerra*, Clausewitz
- 331 — *Vidas Secas*, Graciliano Ramos
- 332 — *Misericórdias de Lisboa* — III, Camilo
Castelo Branco
- 333 — *História da Origem e Estabelecimento*
da Inquisição em Portugal — I,
Alexandre Herculano
- 334 — *Desroços de Guerra* — I, James Jones
- 335 — *História da Origem e Estabelecimento*
da Inquisição em Portugal — II, Ale-
xandre Herculano
- 336 — *São Bernardo*, Graciliano Ramos
- 337 — *Desroços de Guerra* — II, James Jones
- 338 — *Uma Cidade Flutuante*, Júlio Verne
- 339 — *História da Origem e Estabelecimento*
da Inquisição em Portugal — III,
Alexandre Herculano
- 340 — *Ilhéu de Contenda*, Teixeira de Sousa
- 341 — *Os Sinaques (Poésias Líricas)*, Guerra
Juaqueiro
- 342 — *Livro Negro de Padre Dinis* — I, Camilo
Castelo Branco
- 343 — *Morte aos Franceses*, C. S. Forester
- 344 — *Livro Negro de Padre Dinis* — II,
Camilo Castelo Branco
- 345 — *Memórias do Cárcere* — I, Graciliano
Ramos
- 346 — *Contos Ironicos*, Heinrich Böll
- 347 — *Contos*, Fialho de Almeida
- 348 — *Peregrinação* — I, Fernão Mendes Pinto
- 349 — *Peregrinação* — II, Fernão Mendes
Pinto
- 350 — *Memórias do Cárcere* — II, Graciliano
Ramos
- 351 — *Barranco de Cegos*, Alves Redol
- 352 — *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de*
La Mancha — I, Miguel Cervantes
- 353 — *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de*
La Mancha — II, Miguel Cervantes
- 354 — *Capitães da Areia*, Jorge Amado
- 355 — *Os Miseráveis* — I, Fantina, Victor
Hugo
- 356 — *Os Miseráveis* — II: *Coseffa*, Victor
Hugo
- 357 — *O Canto do Carrasco* — I, Norman
Mailer
- 358 — *Memórias do Cárcere* — I, Camilo
Castelo Branco
- 359 — *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de*
La Mancha — III, Miguel Cervantes
- 360 — *Memórias do Cárcere* — II, Camilo
Castelo Branco
- 361 — *Os Miseráveis* — III: *Mário*, Victor
Hugo
- 362 — *Adelus*, *Califormia*, Alistair MacLean
- 363 — *Os Miseráveis* — IV: *O Lítio da Rua*
Plumet e a Epopeia da Rua de D. Dinis,
Victor Hugo

O BARÃO

e outros contos

4.ª edição

- 364 — *Os Miseráveis* — V. João Valjean, Victor Hugo
- 365 — *Psicologia das Multidões*, Gustavo Le Bon
- 366 — *O Engenheiro Fidalgo Dom Quixote de La Mancha* — IV, Miguel Curvantes
- 367 — *A Arte da Guerra*, Sun Tzu
- 368 — *Virgens e Aventuras do Capitão Hatters* — I, O Inglês e o Pêlo-Nôre, Júlio Verne
- 369 — *O Canto do Carrasco* — II, Norman Mailer
- 370 — *Exílio Perturbado*, Urbano Tavares Rodrigues
- 371 — *A Manilha de Beatriz*, Pinheiro Chagas
- 372 — *Virgens e Aventuras do Capitão Hatters* — II; *O Deserto de Gelo*, Júlio Verne
- 373 — *Querrelle, Anar e Matar*, Jean Genet
- 374 — *Eloi ou Romance Nina Cabeça*, João Gaspar Simões
- 375 — *Contos ou Histórias dos Tempos Idos*, Charles Perrault
- 376 — *Filhos e Amantes* — I, D. H. Lawrence
- 377 — *Últimas Páginas: Lendas de Santos e Escritos Diversos*, Eça de Queirós
- 378 — *Ventos de Guerra* — I, Herman Wouk
- 379 — *Cro Velhoentre Flores*, Baptista Bastos
- 380 — *Rei Lear*, William Shakespeare
- 381 — *Filhos e Amantes* — II, D. H. Lawrence
- 382 — *Ventos de Guerra* — II, Herman Wouk
- 383 — *As Mães e Uma Noite* — I
- 384 — *As Mães e Uma Noite* — II
- 385 — *O Canhão*, C. S. Forester
- 386 — *Técnica do Golpe de Estado*, Curzio Malaparte
- 387 — *História da Civilização Ibérica*, Oliveira Martins
- 388 — *As Mães e Uma Noite* — III
- 389 — *Apólogos, Adjuvâncias e Epigramas*, José Maria Barbosa do Bocage
- 390 — *Crerés*, Graciliano Ramos
- 391 — *Contos*, José Régio
- 392 — *As Mães e Uma Noite* — IV
- 393 — *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros* — I, Camilo Castelo Branco
- 394 — *Blow-Up e Outras Histórias*, Júlio Cortázar
- 395 — *Fábulas*, Curvo Semedo
- 396 — *As Mães e Uma Noite* — V
- 397 — *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros* — II, Camilo Castelo Branco
- 398 — *Os Três Mosqueteiros* — I, Alexandre Dumas
- 399 — *Um Perigoso Entardecer*, James Jones
- 400 — *As Mães e Uma Noite* — VI
- 401 — *Os Três Mosqueteiros* — II, A. Dumas
- 402 — *Kaputt*, Curzio Malaparte
- 403 — *Diálogos IV*, Platão
- 404 — *Pátria*, Guerra Junqueiro
- 405 — *Rio da Noite*, Alistair MacLean
- 406 — *Em Busca do Tempo Perdido* — I; *Do Lado de Suanni*, Marcel Proust
- 407 — *Os Três Mosqueteiros* — III, Alexandre Dumas
- 408 — *O Rouxinol e a Rosa*, Óscar Wilde
- 409 — *Fábulas*
- 410 — *Rainha Africana*, C. S. Forester
- 411 — *Augusta*, Graciliano Ramos
- 412 — *A Doença Infantil do Comunismo*, Lenine
- 413 — *Os Cavalheiros do 16 de Julho*, René L. Maurice e Ken Follet
- 414 — *Infância*, Graciliano Ramos
- 415 — *O Rapto de Um Presidente*, Alistair MacLean
- 416 — *Nossa Senhora de Paris* — I, Victor Hugo
- 417 — *Naquele Alegre Mês de Maio* — I, James Jones
- 418 — *Nossa Senhora de Paris* — II, Victor Hugo
- 419 — *Naquele Alegre Mês de Maio* — II, James Jones
- 420 — *Obra Poética*, Mário de Sá-Carneiro
- 421 — *Em Busca do Tempo Perdido* — II; *A Sombra das Jovens em Flor*, Marcel Proust
- 422 — *A Confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro
- 423 — *Do Terra à Lua*, Júlio Verne
- 424 — *Janhoe*, Sir Walter Scott
- 425 — *A Volta da Lua*, Júlio Verne
- 426 — *Céu em Fogo*, Mário de Sá-Carneiro
- 427 — *As Pontas São Vermelhas*, Urbano Tavares Rodrigues
- 428 — *Em Busca do Tempo Perdido* — III; *A Sombra das Jovens em Flor*, Marcel Proust
- 429 — *Otelo*, William Shakespeare
- 430 — *O Feiticeiro de Oz*, L. Frank Baum
- 431 — *História da Literatura Portuguesa* — I; *Idade Média*, Teófilo Braga
- 432 — *Santa Claus*, Joan D. Vinge
- 433 — *Os Goonies*, James Kahn
- 434 — *Em Busca do Tempo Perdido* — IV; *O Lado de Gaurnantes*, Marcel Proust
- 435 — *Mensagens e Outros Poemas Afins*, Fernando Pessoa
- 436 — *Poesia* — I — 1902-1929, Fernando Pessoa
- 437 — *Poesia* — II — 1930-1933, Fernando Pessoa
- 438 — *Poesia* — III — 1934-1935, Fernando Pessoa
- 439 — *Poemas de Alberto Caetano*, Fernando Pessoa
- 440 — *Odes de Ricardo Reis*, Fernando Pessoa
- 441 — *Poemas de Álvaro de Campos*, Fernando Pessoa
- 442 — *História da Literatura Portuguesa* — II; *Renascença*, Teófilo Braga
- 443 — *Yentí*, Isaac Bashevis Singer
- 444 — *Em Busca do Tempo Perdido* — V; *Sadoma e Gomorra*, Marcel Proust
- 445 — *História da Literatura Portuguesa* — III; *Os Seiscentistas*, Teófilo Braga
- 446 — *O Corcunda ou o Pequeno Parisiense*, Paul Féval

Capa: estúdios P. E. A

© Herdeiros de Branquinho da Fonseca

Direitos reservados por
Publicações Europa-América, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

INDICE

	Pág.
<i>O Barão</i>	11
<i>As Mãos Frias</i>	81
<i>O Involuntário</i>	107

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.

Apartado 8
2726 MEM MARTINS CODEX
PORTUGAL

Edição n.º: 14053/6837
Agosto de 1997

Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins

Depósito legal n.º: 113927/97



O BARÃO

Não gosto de viajar. Mas sou inspec-
tor das escolas de instrução primária e
tenho obrigação de correr constante-
mente todo o País. Ando no caminho da
bela aventura, da sensação nova e feliz,
como um cavaleiro andante. Na verdade
lembro-me de alguns momentos agradá-
veis, de que tenho saudades, e espero
ainda encontrar outros que me deixem no-
vas saudades. É uma instabilidade de
eterna juventude, com perspectivas e ho-
rizontes sempre novos. Mas não gosto de
viajar. Talvez só por ser uma obrigação
e as obrigações não darem prazer. Entu-
siasmo-me com a beleza das paisagens,
que valem como pessoas, e tive já uma
grande curiosidade pelos tipos rústicos,
pelos costumes, e pela diferença de men-
talidade do povo de região para região.
Num país tão pequeno, é estranhável tal
diversidade. Porém não sou etnógrafo,
nem folclorista, nem estudioso de ne-

nhum desses aspectos e logo me desintere-
resso. Seja pelo que for, não gosto de via-
jar. Já pensei em pedir a demissão. Mas
é difícil arranjar outro emprego equiva-
lente a este nos vencimentos. Ganho dois
mil escudos e tenho passe nos comboios,
além das ajudas de custo. Como vivo só-
zinho, é suficiente para as minhas neces-
sidades. Posso fazer algumas economias
e, durante o mês de licença que o Ministé-
rio me dá todos os anos, poderia ir ao es-
trangeiro. Mas não vou. Não posso. Du-
rante esse mês quero estar quieto, pa-
rado, preciso de estar o mais parado pos-
sível. Acordar todas essas trinta manhãs
no meu quarto! Ver durante trinta dias
seguidos a mesma rua! Ir ao mesmo café,
encontrar as mesmas pessoas!... Se sou-
bessem como é bom! Como dá uma calma
interior e como as ideias adquirem con-
tinuidade e nitidez! Para pensar bem é
preciso estar quieto. Talvez depois tam-
bém cansasse, mas a natureza exige certa
monotonia. As árvores não podem me-
xer-se. E os animais só por necessidade
física, de alimento ou de clima, devem
sair da sua região. Acerca disto tenho

ideias claras e uma experiência defini-
tiva. E até, talvez, a única coisa sobre que
tenho ideias firmes e uma experiência su-
ficiente. Mas não vou filosofar; vou con-
tar a minha viagem à serra do Barroso.

Ia fazer uma sindicância à escola pri-
mária de V... Foi no Inverno, em Novem-
bro, e tinha chovido muito, o que dera
aos montes o ar desolado e triste dessas
ocasiões. As pedras lavadas e soltas pelos
caminhos, as barreiras desmoronadas, al-
gumas árvores com os ramos torcidos e
secos. Fui de comboio até à cidade mais
próxima, onde depois tomei uma camio-
neta de carreira que me deixou, já de
noite, numa aldeia cujo nome não me
lembra. Disseram-me que havia uma hos-
pedaria ao fundo da rua. Era uma velha
casa em ruínas. Entrei e fui ter à cozinha,
uma divisão comprida e escura, ao fundo
da qual estava uma fogueira acesa. Ao
pé da fogueira, uma velha sentada. Não
me senti à vontade. Estava embaraçado,
sem saber o que devia fazer, quando che-
gou uma senhora a procurar por mim.
Era a professora, que, sabendo da minha
chegada, vinha esperar-me. Nova mas

feia. Contudo simpática e com um olhar de inteligência que a tornava atraente. Sem a menor hesitação resolveu logo o meu problema, como se aquilo fosse habitual. Deu ordem ao criado da taberna para que fosse dizer ao senhor Barão que estava ali uma pessoa vinda de Lisboa, se ele podia emprestar-lhe amanhã de manhã um cavalo para subir a serra. E declarou-me:

— Vai ver como este recado resolve todas as dificuldades, não só de instalação, como de transporte.

Deu-me uma vaga explicação acerca do Barão e começámos a falar de qual-quer outra coisa. Sentámo-nos junto da chaminé, aquecidos e iluminados pela fogueira. Falou-se da sindicância e da vida da aldeia. Ela entristeceu. Mas reagiu no mesmo instante. Vi que estava ali uma mulher forte, optimista e infeliz. Compreendi o drama daquela pobre rapariga. Ela tinha razão, sob o seu ponto de vista pessoal tinha razão.

Pensei em não inquirir mais nada e fazer um extenso relatório a justificar e defender a professora que, por manifesta

superioridade de interesses intellectuais, era uma pessoa inadaptável àquele meio. Entretanto veio um mau café em grandes chávenas de chá, que não conseguí beber. Mas ela bebeu-o. E de repente vi que não era tão verdade como eu supunha a inadaptação ao meio. O ser humano é o animal mais adaptável, tenho de concordar... Fomos falando sobre vários assuntos e teria passado meia hora, ou pouco mais, quando ouvimos um automóvel. Ela levantou-se como se ao mesmo tempo aquilo a assustasse e exclamou que era *infalível*. Pouco depois, a pequena porta da cozinha abriu-se e do vão esticou surgiu um homem de enorme estatura, que teve de curvar-se para poder passar. De ombros largos, com um grande chapéu na cabeça e todo embrulhado, até aos pés, num capote preto, disse de longe, parando, em voz baixa:

— Boa noite!

Era uma figura que intimidava. Ainda novo, com pouco mais de quarenta anos, tinha um aspecto brutal, os gestos lentos, como se tudo parasse à sua volta durante o tempo que fosse preciso. O ar de dono

de tudo. Avancando para mim, com passos vagarosos, fitava-me friamente. De repente mudou de expressão, como quem deixa cair uma máscara, e a rir perguntou-me donde eu vinha e quem era. Mas qual seria a máscara? pensava, enquanto ele, sem ouvir a minha resposta, continuava a rir e a falar. Começou a parecer-me que a primeira impressão não tinha sido justa e que o Barão era, afinal, uma pessoa simpática. Porém, a verdade é que os outros não se sentiam à vontade ao pé dele. Fui reparando nisto. Eu achava-o tosco e primitivo, mas começava a tornar-se-me simpático exactamente por esses aspectos. Disse-me que ficava sendo seu hóspede, e pôs termo às minhas avaliações declarando, num tom de gracejo seco, que não admitia resposta:

— Quem manda aqui sou eu!

Surpreendi-lhe então um olhar duro, logo mudado numa expressão infantil e alegre, que tentei compreender. Devia ter necessidade de convívio e vinha *agarrar-me*, apanhar-me como quem, enfim, enfrenta alguém num deserto. A sua maior alegria era ter hóspedes em casa. E afir-

mou-me que tinha de lá estar uma semana e, se quisesse, que mandasse vir amigos e amigas. Respondi-lhe que não podia ficar mais de dois dias, mas ele franziu as sobranceiras e respondeu-me quase de gracejo:

— Vai-se ver. Quem manda aqui sou eu!

De repente compreendi que tinha caído nas mãos de um déspota, de uma pessoa habituada a vergar os outros aos seus caprichos. Insisti: que não me podia demorar. Respondi-lhe num tom firme. Então ele teve um sorriso tímido e quase ingénuo, como uma criança. Arrependi-me e dei-lhe a explicação de que tinha coisas a fazer no dia seguinte de manhã e depois teria de regressar logo para elaborar um relatório. Atirou-me com desprezo:

— Qual relatório!

E a frase e o tom feriram-me como uma chicotada humilhante. Pôs-se em pé, obrigando-me a levantar-me também, e acrescentou:

— Deixe lá essas coisas!

Desafiaram-me para o que eu gostava

ria de fazer mas não posso, desprezarem os outros as coisas que eu também quero desprezar e desprezo, mas de que sou escravo, é a pior humilhação que me podem fazer, o maior vexame. O Barão, porém, emendou como se tivesse lido na minha cara o que eu ia para lhe responder:

— Desculpe estes modos, estas maneiras de falar. É brincadeira... Gosto de brincar com as coisas sérias.

Mudámos prudentemente de conversa e resolvemos sair. Começava a despertar-me certa curiosidade a vida daquele homem que era rico e estava escondido ali nos confins do mundo, numa aldeia da serra. Despediu-se da professora e, agarrando-me pelo braço, puxou-me para a rua. Abriu a porta do automóvel, empurrou-me para dentro, sentou-se ao volante e continuou:

— Na segunda-feira temos aí uns amigos de Coimbra e uma sócias, que é o fim do mundo! Conhece Coimbra? Pois claro! Quem é que não conhece Coimbra?!?! Até tive um cavallo que andou em Coimbra. Quando cheguei ao terceiro ano da Universidade compreendi que aquilo era para

cavalos. Vim a casa, meti o «Melro» no comboio (era um cavallo preto, uma estampa!...) e levei-o para Coimbra. Juntei a malta e (interrompia para comentar o mau estado da estrada: «Isto é que são estradas!... Em os buracos estando mais jeitosos trago cá o Governo e esfregolhes aqui as trombas...»), juntei a malta, fomos em procissão até à Porta Férrea e ali, de cima do leão, gritei às massas:

— Há aí alguém que tenha dúvidas de que isto (e apontei a Universidade) é para cavalos? Responderam todos como um trovão. «Naaaão!!!» Pois então, eu vos digo: este vai tomar capelo. Depois levámo-lo para o pátio da Universidade e doutorámos o «Melro». Doutorado em Direito. E de capelo e borla, borla de papel vermelho, que era uma autêntica capa rendilhada que o cobria até meio lombo, lá foi passear para a Baixa, entre alas de caloiros, a comer torrões de açúcar. Nessa noite... (suspendeu de repente, meteu o carro por um grande portal e parou de esticção). Cá estamos... Se começo a contar-lhe coisas de Coimbra nunca mais acabo. Meu amigo, tenho nove anos no

lombo; nove anos de Coimbra no lombo já dão que falar...

Saimos do carro. Olhei em volta, mas a noite estava tão escura que não vi nada e senti um cão a cheirar-me as pernas. Vieram logo mais cinco ou seis, de várias raças e tamanhos, que se atiravam pelo Barão acima, a ganir de alegria. E ele abraçava-os e falava a cada um com palavras carinhosas. Nisto apareceu um criado com um lampião, ao cimo da escadaria de pedra. Vi que estávamos num velho solar, de certa imponência. Uma fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras um alpendre assente em grossas colunas.

Estes velhos palácios, quase abandonados, olhou-os sempre, de longe, como um sonho de conforto, de intimidade e de bem-estar: de estabilidade na vida. Independência e sossego, possibilidade de fazer a vida como seja a nosso gosto! São os meus ideais impossíveis. Um velho solar de paredes que tenham vivido muito mais do que eu, dessas paredes que têm fantasmas, e em volta um grande parque

de velhas árvores, com recantos onde nunca vai ninguém. Viver o tumulto das grandes cidades e depois o silêncio, a solidão desses paraísos abandonados há muitos anos, onde entramos com não sei que inquietação, como quem desembarca numa ilha desconhecida... Ah! isso, sim, é que me dava outras possibilidades de ser, de compreender e de ir pelo meu caminho. Mas não. Porque se luta, então, para conquistar um caminho que se sabe que não é o nosso? Somos nós próprios que traímos a nossa vida. A vida não é isto, não é ganhar dinheiro. Isto é a fase primária. As necessidades físicas pressupõem-se. Gastamos as forças a tentar alcançar o que nos devia ser dado sem pensarmos nisso e que o não é porque os homens se atraíram uns aos outros como inimigos. A vida é outra coisa. Mas também sou uma espécie de místico sem coragem para renunciar. O espírito manda-me quebrar estas algemas que trago nos pulsos e ir para os montes, vaguear entre as coisas da natureza, a vê-las com o deslumbramento de quem começasse a vida em cada dia. As flores, os bichos, o sol,

a chuva, as fontes, as árvores, as aves, o azul do céu, as nuvens brancas que o vento leva lá ao longe, o mar, ah! tudo isso!... Mas falta-me não sei que força, não sei que convicção de conquista ou de renúncia, pois para conquistar uma coisa é preciso renunciar primeiro a muitas outras. Quantas pessoas, porém, tenho encontrado que são como eu, quase como eu: negadas a si próprias, paradas no encontro das forças contrárias, afinal sem a decisão de quem simplesmente caminha para algum sítio onde pensou chegar.

Como depois compreendi, o Barão também era um homem em que lutavam Deus e o Diabo. Mas não nos podíamos entender. As taras e os desequilíbrios inferiores tinham-no vencido, submergindo o homem inteiro. Por vezes vinham-lhe momentos, frases, um olhar de serena superioridade e inteligência. Parecia outra pessoa que estava afundada dentro dele próprio como num abismo de água negra, e vinha à tona, no redemoinhar da vasa turva. Mas não se aguentava cá em cima. Era um senhor medieval, sobrevivendo à sua época, completamente ina-

daptado, como um animal de outro clima. E isto é que lhe dava a ferocidade. Porque, muitas vezes, havia nele qualquer coisa de animal feroz, no olhar, nos gestos, até na fala. Porém numa fusão estranha, com não sei quê de cândido e de afável.

Disse-me que não tirasse o sobretudo, por causa do frio. O aposento não estava aquecido e repassava-nos o desconforto e a humidade das casas desabitadas. Ele também continuou com o capote que o cobria até aos pés.

Depois fomos para a sala de jantar, um enorme salão onde não apetecia estar, e sentámo-nos junto da longa mesa que chegava para mais de trinta pessoas. Eu estava com fome, pois já passava muito da minha habitual hora de jantar. Mas não se falava em tal coisa. Veio um criado que pôs um copo diante dele, outro diante de mim, e uma garrafa de vinho tinto. Disse-lhe que não bebia fora das refeições. Declarou que eram preconceitos *abomináveis*, e bebeu um pequeno golo, começando de súbito a falar com entusiasmo, como se o álcool lhe acordasse

não sei que ocultas forças adormecidas. E ia bebericando sempre, com pequenos intervalos, como se a garganta lhe secasse e tivesse de a ir molhando. A princípio ainda esperei ver surgir alguma pessoa de família, mas conforme iam passando as horas fui compreendendo que aquele solar era apenas o covil do famigerado Barão e seus criados. Em nossa volta, em toda aquela casa que eu adivinhava enorme, com largos corredores sem fim, entre salas mortas, pesava cada vez mais um silêncio que eu nunca tinha sentido: inquietante e ressoante como se a casa estivesse metida dentro de uma cisterna. Ele ia contando histórias do seu tempo de Coimbra, que eu ora ouvia com atenção, ora deixava de ouvir, distraído por qualquer outro pensamento, ou pela verdadeira fome que começava a torturá-me. Disfarçadamente já tinha olhado o relógio várias vezes, até que resolvi olhá-lo ostensivamente, porque eram dez horas da noite e eu tinha almoçado ao meio-dia. O Barão continuava a contar aventuras, pequenos casos que revivia com um prazer doentio. Era-lhe talvez indiferente

que eu o ouvisse: contava para si, ouvia as suas próprias palavras e relembrava aqueles dias como um sonho realizado. Eu era só o pretexto, só para não falar sozinho, como um doido. Senti quanto aquilo era para ele um prazer vivo mas doloroso. A princípio falava com um ar desprendido e irónico, mas, pouco a pouco, foi tomado de uma emoção profunda, que já não podia disfarçar. Era uma espécie de saudade de si próprio. E vi-lhe os olhos rasos de lágrimas. Então levantou-se e começou a passear no salão, fazendo comentários irónicos a este vício que todos temos de falar do passado. «O passado!... Mas o que somos, senão o passado? Fazemos e é passado. O que começa a existir começa a ser passado. Virado para a frente? Vire-se lá para onde quiser!...» E, voltando a sentar-se, bebeu mais dois golos. Eu desfalecia de fraqueza, a olhar aquele copo sempre cheio de vinho, que ora ficava esquecido sobre a mesa, ora era agarrado por uns dedos brutais. Não chegava a embriagar-se, mas tinha necessidade de manter a *pressão*, como uma caldeira onde tem de se ir dei-

tando, de vez em quando, um punhado de carvão. Mais um golo. Poisava o copo e continuava. Eu olhei o relógio: dez e meia. Ainda sorria, por delicadeza, mas já não ouvia o que ele dizia. Só pensava no jantar que não vinha, que já não vinha, com certeza. Para chamar o assunto à conversa comentei, quando ele levava mais uma vez o copo à boca:

— Não lhe faz mal beber sem comer nada?

— Nunca como...

Fiquei aniquilado. Com esta fome e em casa duma pessoa que não comia!

— Pois eu já era capaz de comer alguma coisa.

Então voltou-se para o lado da porta e berrou:

— Idalina!

— Desculpe esta sem-cerimónia...

— Não me entendo com quem faz cerimónia. Diga sempre o que pensa e faça sempre o que lhe apeteça. São os meus princípios.

— Obrigado. Assim farei.

Entrou a criada. Uma mulher alta, bem feita, de quarenta anos, com um vago ar desdenhoso e importante.

O Barão, como se não a tivesse visto, continuou a falar não sei sobre quê, mas ela interrompeu-o num tom agressivo:

— O senhor chamou-me?

Julguei que ia fulminá-la com um berro ou com uma cadeira na cabeça, mas não. Sorriu serenamente, com uma expressão de súbito cansaço:

— Este meu velho amigo... quer cumprimentar-te... e quer que lhe tragas alguma coisa que se coma...

Não era feia. Ou antes: devia ter sido bonita. E percebia-se facilmente que andava ali como dona da casa, oscilando entre baronesa e serva. Saiu num passo elástico, deixando ficar atrás dela um momento de silêncio. O Barão, contra o seu costume, bebeu vários golos, com pequenos intervalos, sem dizer nada. Não compreendi porque é que aquela mulher, uma simples criada, tinha deixado ali aquele silêncio difícil. Ele ficara um pouco alheio e pensava em qualquer coisa a que dava importância, talvez alguma história já antiga, de que não conseguia esquecer-se. Fiz estas suposições pessimistas debaixo

do mais optimista estado de espirito, que me vinha da certeza de que aquella simpática mulher tinha ido buscar um succulento jantar, um jantar medieval como o dono da casa. Encheu outra vez o copo e poisou a garrafa mais longe, parecendo que não queria tê-la tão à mão. E provou outro pequeno golo, como se fosse um vinho desconhecido. Eu acendia mais um cigarro, devagar, para disfarçar aquella falta de assunto da minha parte e para me fingir distraído, até ele sair da meditação em que tinha caído. Queria evitar-lhe a explicação a que podia sentir-se obrigado e que, não me interessando certamente nada, seria penosa para ele. Perguntou-me:

— Porque não passa aqui uma semana? Não se aborrecia...

Pensei: «É uma coisa que gostaria de me contar se tivesse mais intimidade comigo. É o alívio da confissão sincera; quase uma necessidade física, neste homem.» E respondi:

— Gostava, mas não posso. Sou um escravo...

Sorriu como se dissesse: «Que gente!» Noutra ocasião teria teimado, ter-me-ia até obrigado a ficar. Mas naquele momento esmagava-o um desalento repentino, não tinha força de vontade, ficara abatido e mole como um leão ferido de morte. Com ar sonâmbulo começou, por fim, a atirar bocados de frases como se falasse sòzinho.

— Esta mulher faz-me lembrar certas coisas... Não por ela... Outras coisas... Esta é uma como há tantas... Eu às vezes vendia as minhas amantes a meu pai... Ou trocava-as... Quando precisava de dinheiro... Outras coisas. Mas vou... vou regenerar-me... (sorriu com uma ironia incrédula. Fez uma pausa e, como se acordasse de repente, olhou para mim, endireitou-se na cadeira, bebeu um golo de vinho e bateu com o copo com tal força sobre a mesa que o fez em estilhas. Então continuou noutro tom de voz completamente diferente, firme, lícido): Desculpe... Já esteve apaixonado?

— Não.

E não acrescentei mais nada para o obrigar a falar. Agora estava a interes-

sar-me aquela confissão que ele já não queria fazer. Mas era uma obsessão que o dominava; tinha de falar daquele assunto que a si próprio queria proibir. Então fez o seu retrato moral, calcou-se com nojo e como se de si se vingasse nele próprio, chegando a ser uma cena desagradável. Até que serenou e começou a falar de outra mulher, uma mulher por quem tinha tido uma paixão, e a quem se referia chamando-lhe apenas «Ela». Tentei mudar a conversa, pedindo-lhe que me contasse mais coisas de Coimbra.

— Isso não tem interesse... Mas d'Ela também não sou digno de falar... Sabe?... (e, como se se arrependesse, não continuava). Ah, meu amigo! Ser outro!... Re-generar-me... Mas não é como mudar de camisa... Quero, mas não posso. Não é só querer... Imbecis! Que eu quando quero, quero! e é logo! Mas nisto... Só tenho um retrato d'Ela. Mandei-o roubar... Ela não sabe. Vou-o buscar... (levantou-se e continuou): Pessimismo não, não sou pessimista. Para mim as mulheres são uns animais como os outros... Mulheres? Sei lá o que são mulheres?! Putas é que

sei... Mas mulheres, não... (e voltou a sentar-se. Encheu devagar outro copo). Quando eu precisava de dinheiro trocava as amantes com meu pai. Levava uma fêmea de Lisboa: ele ficava doido. Era um javardo, um rei negro... Dava-me logo a massa e eu punha-me a andar, largava a dele no Porto e voltava para Lisboa... Reles... Tudo réles...

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, entre batatas loiras. E não ouvi mais nada do que o Barão dizia. Até que, já reconfortado, voltei a ouvi-lo com prazer.

— ... Só uma vez é que não. Era a Emília... Não sei onde ele tinha ido buscar aquela miúda... Eu cheguei de férias e logo ao jantar: «Não toques na Emília» — «Esteja descansado.» Foi naquela mesma noite...

Ficou um momento silencioso e abstracto: vi-o afundar-se na memória, recuar no tempo, até essa antiga hora da sua vida. Depois, voltando a si, olhou-me quase com espanto, como se nunca me tivesse visto: mas teve logo um sorriso calmo e, erguendo o copo de vinho à boca seca, continuou:

— Coitadita. Era uma criança... e estava como tinha saído da barriga da mãe. Até custa a acreditar. No fim ajoelhei a pedir-lhe desculpa... E de manhã deram com ela na presa do moinho... Mas foi só esta. As outras não se matavam... Só cabras... Eu não como, mas não faça cerimónia. Coma por mim. A vida é devorar... Sim, e beber. Ó divino néctar; os meus lábios te beijam! (Bebia.) E o meu coração entoa em teu louvor o mais sagrado cântico!... E os meus lábios te beijam mais uma vez!... (Mudava de tom e com súbita serenidade continuava, falando mais para ele que para mim): Nunca tomei a vida a sério. E lá coisa que se tome a sério!... Sou um animal, uma pura besta. Diga! Ou não diga, não é preciso, basta pensar. Não se engasgue, não diga nada, deixe-me ficar com a impressão de que não é um hipócrito que está sentado à minha mesa. Sou isto mesmo: sou um javali. Já tive ilusões a meu respeito, agora não... Se você soubesse!... Mas ainda bem para si que não sabe. Respeitemo-nos. Respeito-me por si: afinal

somos da mesma espécie animal... Faça de mim a melhor ideia que puder: se isso o lisonjeia. Ou o contrário, se quiser. E se eu lhe dissesse que no meio da noite passa às vezes um raio de luz? Acreditava?... Ao menos acredita em tudo...

Disse isto com um desalento que me revelou todo o seu desprezo pela minha falta de sinceridade. Tinha razão. Mas eu não estava a pensar no que ele dizia, estava só a comer. Respondia-lhe com sinais de cabeça, que sim, com a boca cheia. O Barão pôs-se em pé e deu uns passos ao longo do salão. Afastou-se, foi desaparecendo na sombra, de cabeça baixa, e depois voltou até junto da mesa. Eu disse qualquer coisa para não estar calado, que ele nem ouviu. Aproximou-se, pegou na campainha de prata que estava na minha frente e tocou. Mudou de repente de conversa:

— Vai ouvir a Tuna. Há-de gostar... (Entrou a criada.) Vai buscar o violino.

A criada ia a sair, mas, como quem se lembra de qualquer coisa, voltou atrás:

— Senhor Barão, o violino está partido.

Voltou-se para ela como se fosse dizer ou fazer uma violência, tendo-se-lhe congestionado de repente a face, mas diminuiu-se e só disse numa voz fria:

— Hã?!... partido?...

— Sim, senhor Barão. Foi ontem...

— Vai arranjar outro.

A criada mantinha-se firme, com um olhar sereno, quase altivo; o Barão, passado o primeiro ímpeto perigoso, serenava e parecia até hesitante. Ela já tinha tomado posse do terreno e perguntou com uma secura arrogante:

— Aonde?

Berrou-lhe:

— Manda chamar a Tuna!

E sentou-se na minha frente, de costas para a criada, como se ali se refugiasse do seu olhar duro. Pegando no copo, ergueu-o num gesto brusco. Receei que agredisse aquela arrogante mulher, que a abatesse com uma cadeira na cabeça. Mas não. Dominava-se mais do que parecia por vezes. Contudo, era preciso coragem, ou outra força qualquer, para afrontar assim as violentas iras do fidalgo. Havia um mistério entre ambos,

era evidente. Ela saiu depois de vir buscar o prato que eu tinha deixado cheio de ossos. E o Barão falava-me de caçadas.

A criada voltou com uma travessa de carne de porco e ovos mexidos. Ele continuava sem comer, beberricando e falando. Devia ter já bebido muito, mas não estava embriagado, mantinha-se apenas sob pressão, como se diz de um navio de guerra. Pronto para tudo. A mesa com o copo, aquela grande casa deserta e sombria, eram o cais, o arsenal daquele cou-raçado que saíria para o mar ao primeiro sinal. Olhava-o agora com curiosidade e um vago receio do que poderia acontecer com aquele homem estranho.

Entretanto, eu tinha comido bastante e bebido com certo prazer. Reparei que eram já onze horas e meia da noite. O Barão tinha ido buscar a um armário algumas garrafas de diferentes vinhos e licores. Vinhos velhos do Porto e algumas marcas francesas. Eu não queria fazer misturas, mas ele impunha, repetindo aquela frase que parecia a brincar e era a sério:

— Quem manda aqui sou eu.

E lá íamos provando de todos os vinhos. Eram verdadeiras especialidades. «Agora este porto, que tem 96 anos.» Destapava e chegava-me ao nariz o gargalo, donde saía um fino aroma. Eu devia estar convencido de que aquelas coisas de tão divino perfume não faziam mal, que, pelo contrário, era absorver néctares do Paraíso. E o Barão falava do Brasil, das florestas do Amazonas, das brasileiras, «as mulheres mais belas do mundo!» Discordei: «As nórdicas, as inglesas, as alemãs...» Interrompeu com sincero desdém de conhecedor: — «Isso é como salada de alface. Sabe bem com a carne... Eu sou carnívoro... E vejo na mulher, além disso, o meu primeiro inimigo. É a única coisa em que eu e o meu prior somos da mesma opinião... Ora o inimigo deve ser sempre digno de nós... Lutar com gatas, não! Quero ver na minha frente um tigre real! É a vida ou a morte. Atiro-me ao tigre real, rolamos enrolados um no outro, as garras dele a enterrarem-se na minha carne, os meus músculos de aço a vergarem aquele corpo elástico, belo e feroz, a minha força toda a subir-me no sangue!... Ah!...»

Mas eu insisti, sereno:

— Conheço inglesas, conheço alemãs dessas, desses tigres...

— É só a pele, só os olhos e o pélo... Nisto não há teorias... É preciso ir lá... ir lá com os dentes e com as garras...

E enclavinhou as mãos. Já estávamos ambos embriagados. O Barão ergueu-se, fitou-me e disse, de repente triste:

— Vamos beber por uma mulher.

Levantei-me também. Foi ao tal armário e trouxe uma garrafa de champagne. Berrou:

— Taças!

E tentava tirar o arame da rolha, sem conseguir. Veio a criada e pôs quatro taças sobre a mesa. O arame não saía. Então bateu com o gargalo da garrafa na borda da mesa e o champagne jorrou em espuma branca. Reparando que estavam mais taças, com as costas da mão atirou duas da mesa abaixo. Eram de reserva. Porém daquela vez não queria reservas. E ergueu a taça que transbordava. Eu imitei-o, perguntando nebulosamente:

— A que mulher?

— À única!

E bebemos ao mesmo tempo, despejando-as de um trago. Mas com surpresa notei que o Barão tinha ficado súbitamente pensativo. Depois, com um gesto solene, atirou o copo ao chão e fitou-me, silencioso. Fiz o mesmo, atirei a taça. Já era tempo de eu saber que ali se partia tudo, desde os violinos aos copos. Com o olhar embaciado e sonâmbulo, fitava-me sem me ver. Mas, como se acordasse de repente, começou a rir, com um riso doloroso e de ironia amarga. Pareceu-me outro homem. Era, na verdade, outro homem, aquele que estava ali agora diante de mim. Não o tinha compreendido, não o tinha visto ainda. Olhei-o com simpatia. Disse-me numa voz calma e triste:

— Venha cá.

E encontrámo-nos ao fundo da mesa. Enfiou a mão no meu braço e caminhámos silenciosos na direcção da porta da sala de jantar. Saímos para um corredor. Não sei bem por onde andámos e não sei mesmo o que fizemos naquela divagação melancólica. Mas recorde-me de que percorremos várias salas, quartos e dependências do palácio, que me lembram como

um sonho fantástico. Quanto tempo isto durou, não sei. Do que me lembro é que não encontramos ninguém, como se toda a gente desaparecesse diante de nós. Por vezes parecia-me ouvir passos. Deviam ser os criados que andavam ali perto para ouvirem se o Barão chamasse. Até que viemos outra vez dar à sala de jantar. Parou encostado à mesa e disse que tinha fome. Encheu um copo de vinho tinto e bebeu dois golos, agarrou na campainha e tocou. Veio a criada com o seu ar altivo.

— Quero comer. E duas garrafas... daquele... Já sabes! Qu'és tu aí parada?!!!

Gritou, mas quando ela saiu começou a rir, a rir, e contou-me que a tinha conhecido há mais de vinte anos, que a roubara na Quinta das Palmas, «tenra como um grelhinho de alface».

— Roubei-a na Quinta das Palmas... Trouxe-a assim, ao ombro, como um saco. Cheguei aqui e atirei-a para cima da mesa... Meu pai estava a cear. Só lhe disse: «Nisto ninguém toca!» E não tocou. Mas agora é ela quem manda... Nunca mais me vi livre dela... É um

tigre! (Entrou a criada.) És um tigre! Um dia dou-te um tiro, que os tigres é a tiro. (Mas abraçou-a pela cintura fina e deu-lhe um beijo no pescoço.) Eras uma mulher!... uma mulher como nunca mais há... (Ela desprendeu-se.) Mas hoje me-tes nojo... (e virou-se para mim): Deixa aos criados... Dá cabo deles todos...

A criada saiu, indiferente. Não era verdade. E ela dominava-o ainda, apesar de tudo o que os separasse agora: ou can-saço ou outra mulher. Mas esta não tinha deixado de existir na vida dele. Lá fora, nas trevas, o relógio da torre de uma igreja bateu as duas horas da noite. E a ceia do Barão chegou fumegante. Eram alheiras assadas. Antes de se sentar veio ao pé de mim e poisou a mão no meu om-bro, com melancolia, tratando-me por *tu*:

— Nunca deixes de ser meu amigo... Olha que eu sou um pobre homem! (Tremiam-lhe as mãos; o olhar tinha perdido o brilho e ficara vago e baço. Depois de uma pausa concluiu com um sorriso amargo): Sou um poeta...

E, caminhando para mim, agarrou-me por um braço, levantou-me da cadeira

onde eu me tinha sentado e levou-me até junto de uma das portas. Não sei onde queria ir ou o que tencionava fazer, porque neste momento ouvimos ao fundo do corredor, ainda longe, um barulho como o rolar de um trovão que se aproxima. Ele estacou com um sorriso satisfeito. Eu fiquei atónito e imóvel. Recuou de repente e, puxando-me, levou-me arrastado até ao outro extremo da sala de jantar. Eu não sabia que barulho era aquele nem perce-bia estes vaivéns em que o Barão me tra-zia. O ruído aumentava como uma grande trovoadas que desabasse sobre nós. Não tive medo, mas perguntei-lhe o que era. Como viu que eu estava surpreendido (assustado não estava), não me explicou nada. Mas logo percebi que era um matra-quear de tamancos. Tínhamos recuado e estávamos encostados à parede, calados, à espera do que ia entrar por ali den-tro. Até que surgiu, num passo lento, um indivíduo magro, com um pano preto sobre o olho esquerdo, embuçado num grande capote negro, semelhante ao do Barão. Este fez-lhe um sinal brusco, apontando a testa, e o homem pôs a cara-

puça que tinha tirado da cabeça. Trazia-a na mão, debaixo do varino. Logo entraram mais homens, uns cobertos com aqueles longos capotes, outros embrulhados em mantas. Percebi que o Barão não queria que tirassem os barretes nem os chapéus. Não sei porquê. Talvez para dar àquilo tudo um aspecto ainda mais estranho. Eles já sabiam deste capricho. Iam entrando um a um, em fila, embrulhados, embuçados, com um ar friorento e estremunhado. Que vinha fazer ali aquela gente toda, àquela hora, sei lá que horas da noite? Eu estava um pouco embriagado e fazia um esforço inútil para compreender o que via. E entravam, um a um, lentos, sonolentos, de todos os tamanhos, uns magros, outros gordos, uns de grandes bigodes tártaros, outros de barba à passa-piolho, dois ou três de grandes barbas, como profetas, envolvidos nas mais variadas mantas e capotes. Parecia-me um pesadelo aquele desfile de figuras tão estranhas, que formavam um friso diante de mim e continuavam a passar interminavelmente, fazendo uma vénia até ao chão.

Os tamancos soltos nos pés faziam-nos caminhar balançando como ursos. Alguns tinham, na verdade, a cara coberta de pêlos hirsutos. Eram ursos. Olhei para o Barão como quem implora uma palavra tranquilizadora. Estava com o olhar distante e a expressão parada. O barulho dos socos ensurdecia-me. Já não sabia o que devia pensar daquilo. O salão estava cheio de homens, que se iam arrumando em filas, diante de nós. A alguns mal se lhes via a cara, porque tinham a cabeça metida dentro de enormes capuzes, como frades. Procurei ler qualquer coisa na fisionomia do Barão. Por fim olhou-me e sorriu, com um sorriso de prazer. Eram mais de cinquenta, formando um semicírculo diante de nós. E, de repente, fez-se um grande silêncio. Eu sentia a cabeça cada vez mais pesada do álcool e tentava, num esforço inútil, compreender. Pareceu-me que aqueles homens nos olhavam com medo. Depois vi que era também com desprezo e ódio. Como se um duplo tivesse saído de mim e estivesse a observar-me de fora, eu via-me melhor a mim próprio do que via os outros. A criada ti-

nha posto sobre a mesa três grandes copos, de litro cada um, e umas três ou quatro broas. Pôs também duas facas. Depois encheu os três copos com vinho tinto, de um garrafão que estava debaixo da mesa, e saiu. Tudo isto fora feito num silêncio absoluto, como um ritual respeitado.

Até que, por fim, ouvi a voz do Barão, de quem já me tinha esquecido, quebrar o silêncio e com o braço estendido, num gesto pesado e largo, fazer a apresentação:

— A Tuna.

Julguei que estava a troçar de mim e daqueles pobres camponios de aspecto tão estranho e selvático. Mas não. Comecei a reparar num homenzinho que, na minha frente, me espreitava com um sorriso de escárnio. O Barão apresentava-me o tal homem que trazia um pano preto sobre o olho esquerdo:

— Aqui tem o senhor Alçada, mestre da Tuna.

O senhor Alçada dobrou-se numa vénia exagerada e, pondo-se outra vez direito, perguntou com entoação ridicula-

mente solene, orgulhoso da sua arte, desenhando a língua travada pela gaguez ou pelo medo:

— Senhor Barão, às suas ordens.

— O *Verde-Gaio!* — gritou o Barão numa voz fora de tom, como se estivesse a pensar noutra coisa e de repente ouvisse aquela pergunta do mestre da Tuna.

A um aceno do mestre, como num espectáculo de mágica, debaixo de todos aqueles capotes saíram os mais variados instrumentos: violinos, flautas, violões, guitarras, ferrinhos, tambores, bandolins, harmónios, gaitas de beijo e bezimbaus. Eu não contava com aquilo. Saiu-me uma gargalhada que não consegui dominar. O Barão deitou-me um olhar de censura, sorrindo com uma frieza cortante. Voltando-se para o tal senhor Alçada repetiu, agora numa voz serena:

— O *Verde-Gaio.*

O outro virou-se para a multidão dos seus músicos dispostos em meia-lua, e, quando eu esperava um estrondo, uma dessas barulheiras infernais, rompe dali uma marcha vibrante e alegre, cheia de

vivacidade e emoção lírica, num conjunto de quase perfeita afinação. O Barão, inesperadamente, deu um salto para o meio da sala e, plantado com as pernas abertas, curvado para a frente, com os punhos cerrados, os braços flectindo em movimentos rápidos e firmes como se batesse no peito, entoava um regougar rouco como urros de guerra africana. Senti-me também arrebatado. Era admirável como tudo se tinha transformado súbitamente ao som daquela fanfarra imensa. Ergueu-se, não sei donde, uma voz de fino timbre a cantar num ritmo longínquo e saudoso e os instrumentos foram-se calando até que ficaram só os tambores e os violões batendo de um modo abafado, lento e estranho. Veio outra voz atrás daquela, em contracanto. E um coro de baixos, numa toada profunda e distante, insistia em não sei que estribilho, como um eco.

Até que o Barão fez um gesto e tudo parou repentinamente. Um dos tocadores aproximou-se da mesa, como se fosse agora aquilo a continuação do programa, e agarrou numa broa. Cortou uma fatia e passou ao vizinho. Depois, com ambas

as mãos, pegou num dos grandes copos de vinho, donde bebeu uns golos, e passou. E assim fizeram todos. As broas foram correndo de mão em mão: cada um corria uma fatia e passava o copo. O Barão quis saber as minhas impressões. Não sei o que disse, mas elogiei, decerto, com sinceridade. Até que ele, vendo que todos os homens tinham comido a fatia e bebido o vinho, gritou:

— O *Tum-Tum!*

E seguiu-se outra toada regional. Eu estava maravilhado. Ainda hoje conservo nítida essa sensação de estranheza que me deu a sessão da Tuna. De súbito, eu, o Barão e a criada começámos a dançar no meio da sala. A Tuna sempre tocando e nós a andar de roda, com a cabeça a andar de roda, do vinho e da música. Mas, por fim, ele caiu a arfar, para um canto, como um monstro ferido. A melodia não se interrompeu nem nós, que continuávamos a dançar um bailado de ursos em pé. A criada caiu também no meio da casa e ficou com as saias para cima, mostrando as pernas até às coxas. Naquela posição começou a cantar ao som da música, que

continuava inalterável, já insensível a estas coisas, pela força do hábito. Encostei-me a um lado a olhar e a rir: escorreguei contra a parede, devagar, e fiquei também sentado no chão. Via andar tudo à roda, como se estivesse a adormecer num desses baloiços em que as crianças brincam. O Barão, sentado no chão atrás de mim, cantava em espanhol... Mas levantou-se e voltou para o meio da sala. Chamou um criado, que lhe trouxe um grande garrafão, e, levantando-o ao alto, começou lentamente a despejar sobre a cabeça uma cascata de vinho branco que me fazia inveja. Porém já nada me admirava. Podiam fazer o que quisessem que tudo acharia natural. E comecei a rir às gargalhadas, com o exagero dum complotto desmoronar de todas as minhas limitações e preconceitos.

O Barão, a pingar e a patinhar, com os pés a colarem-se ao sobrado inundado de vinho, avançou para mim, frangalho bêbedo sentado no chão'a rir, a rir, a rir dele e de mim e de tudo; eu ria sem saber já de quê, caído ali para um canto como um boneco a que tivesse desandado de

repente a corda toda até ao fim. Mas vi-o crescer como um gigante e reparei que ele tinha na cara e no fato uns estranhos reflexos metálicos. Já não era o Barão, era o seu fantasma, um autómato de ferro e lata que me fazia calafrios de terror. Baixou-se sobre mim, pegou-me por um braço e levantou-me do chão tão facilmente como se eu fosse um boneco de papel. E colado ao fato dele, lustroso e molhado, que exalava um cheiro forte a vinho, fiquei em pé, a ouvi-lo dizer:

— Estou purificado!...

— Pois estás...

— O baptismo purifica!...

— Pois purifica...

— Vem!... Vou ao castelo da Bela-Adormecida...

Enfiou o braço no meu e desaparecemos no corredor escuro. Eu ia arrastado não sabia para onde, ele ia levado lá para onde o chamava a obsessão. Ouvi ainda, atrás de nós, o barulho dos tamancos dos homens da Tuna, que saíam por outra porta. Mas já estávamos no meio da quinta e os cães vinham todos atrás de nós.

Bruscamente, estacou, segurando-me por um braço:

— Ah!... Já venho. Espera aqui.

E voltou para trás, apressado. Vi-o encaminhar-se para os lados da porta por onde tínhamos saído e desaparecer na escuridão da noite. No meu estado de meia inconsciência pareceu-me ter compreendido o que ele dissera, ou antes, pareceu-me compreender o que ia fazer, como se, na verdade, me tivesse dito naquelas poucas palavras mais alguma coisa do que apenas aquilo que elas disseram. Mas, de repente, como se abrisse os olhos, vi que não me tinha dito o que ia fazer, e isso pareceu-me injustificável. Agora reconheço que o não era. Porém, naquelas circunstâncias, achei que era uma desconsideração deixar-me ali sozinho sem me dar explicações. Demais a mais num sítio que eu não sabia onde estava, pois não via nada à minha volta, a não ser umas sombras que pareciam árvores, mas que afinal nem me lembro se cheguei a saber o que eram. Revoltei-me contra o seu despotismo e não esperei por ele. Com uma energia súbita, comecei a caminhar

no sentido oposto ao que o Barão tinha seguido. Do meu subconsciente começava a comandar-me uma voz de libertação e em passo de marcha cantei a *Marseilhese*. Os cães tinham desaparecido, a sombra da casa também desaparecera, e agora já tinha os olhos habituados à escuridão, ou a noite estava mais luminosa. A verdade é que começava a distinguir as coisas por onde ia passando e lembro-me de que tentei, inutilmente, escalar um alto portão de ferro, através de cujas grades se via a estrada branca. Como não conseguia e caí duas vezes, resolvi ir procurar outra saída, pois estava naquela fase em que não se desiste de nada e em que os obstáculos são um desafio que nos redobra as forças. Lá para os confins da noite caíam do céu badaladas de um sino a dar horas e ouvia-se o resfolegar das corujas numa torre que eu não via, por mais que olhasse para o céu, tentando penetrar as trevas. Perdi-me do caminho e entrei por um portão de laranjeiras, cujo aroma entontecia, enterrando os pés na terra mole e encharcada que me prendia os passos. Isto cansou-me, e quando encontrei outra vez

um dos caminhos da quinta já não me apetecia cantar, mas gritar insultos e obscenidades. E estava com sede. Neste momento ouvi passos ao pé de mim e apaixonei-me na minha frente a criada do Barão, que reconheci pela voz:

— Vossa Excelência quer que lhe vá dizer onde é o seu quarto?

— Não. Que andas aqui a fazer? — perguntei-lhe, aproximando-me da cara dela.

Recuou um passo. Senti-lhe o bafo a vinho do Porto e segurei-a por um pulso: — Vem comigo.

— Para onde?... — perguntou num tom quase de desdém, que me pareceu complacente.

Respondi com alvoroço:

— Para o meu quarto, que tu sabes onde é, e não digas nada.

Libertou o braço brandamente e eu larguei-a; mas aquele contacto da carne tinha-me perturbado ao mesmo tempo que parecia ter acalmado os vapores do álcool que me embaciavam a compreensão. Falei-lhe como se estivesse apaixonado por ela, com as suas mãos outra vez

agarradas nas minhas, ajoelhado na terra, implorando o seu amor. Ela apenas se defendia por palavras. Ficara completamente imóvel. Não tirava as mãos. Só repetia, com uma voz muito calma e monótona, nos intervalos das minhas frases ardentes:

— Está doido... O Barão matava-o. Cale-se com isso! Venha. Vá... Está doido... O Barão matava-o... Vá...

Quando fui para a abraçar e beijar, empurrou-me para trás com uma sacudida enérgica.

— Sou, então, dos criados?!... Não acredite em tudo que o Barão lhe disser.

E, voltando-me as costas, vi-a afastar-se na sombra. Fui atrás dela, a explicar-lhe não sei que teorias a respeito do amor, da dignidade, da espiritualidade e da nobreza da mulher. Não compreendeu e respondeu-me que eu estava bêbedo e que era melhor ir-me deitar, a *curtir a grossura*. Fui-a seguindo até à porta, que era ali mesmo ao pé. Depois de muito andar, eu voltara para junto da casa. Disse-me que o Barão andava à minha procura

pela quinta. Tínhamos entrado para uma sala de tecto baixo, em abóbada, e chão de pedra. Sobre uma grande arca de pau-preto estava poisado um candeeiro de petróleo, negro do fumo, cuja luz tremia muito e incomodava a vista. Fez-me ton-turas. A criada pegou-lhe e começou, na minha frente, a subir uma larga escadaria de pedra. Vi dois cães a dormir ao pé de um cadeirão de couro: olhei-os com certo receio, mas nem levantaram o focinho para ver quem passava. Ao cimo da escada começava um largo corredor onde a criada, com o candeeiro numa das mãos e já também com um castiçal aceso na outra, me indicava uma porta aberta:

— É aqui.

Deu-me a vela e, quando entrei, fechou a porta atrás de mim. Não me importei. Talvez já não estivesse a pensar nela. Desejar seja o que for é uma força que às vezes desaparece inesperadamente. Acendi um cigarro e atirei-me para cima da cama. Adormeci.

Passado algum tempo, acordei sobresaltado por um grande barulho. Eram uns berros que atroavam o velho palácio,

era a voz do Barão e ele aos encontros e às patadas à porta do meu quarto, tentando arrombá-la. Quando compreendi, levantei-me, mas comecei a tossir, a tossir, e ardiam-me tanto os olhos que não podia abri-los. Vi a chama da vela esbatida numa densa nuvem de fumo. Ergui-me com dificuldade e atravessei o quarto a cambalear como se estivesse para perder os sentidos, sem poder responder ao Barão, que continuava aos murros e aos pontapés à porta, com ameaças e insultos que eu ouvia como se fosse muito longe, ou como se estivesse ainda a dormir. Mas, de repente, compreendi o que se passava. Era fogo! Gritei. O fumo asfixiava-me. Lancei-me contra a porta, mas não conseguí abri-la. Queria gritar, mas já não podia. Devia ter sido eu quem a tinha fechado por dentro, mas, forçada pelos pontapés, agora não desandava. Do lado de fora, o Barão continuava aos urros. Tive medo. Corri para a janela, para fugir como pudesse. Mas, de repente, fez-se um silêncio e ouvi a voz da criada, numa entoação violenta:

— Saia daí! Deixe o homem dormir!

Corri outra vez para a porta e gritei que era fogo e não podia abrir. Então, com um grande estrondo, a porta veio dentro e vi o Barão na minha frente. Atirei-me para o corredor e a criada entrou logo sem fazer perguntas inúteis, com decisão, procurando a origem da fumarada que enchia o quarto. Trazia o mesmo candeeiro na mão e abriu a janela, antes de mais nada. Vi-a ir ao lavatório e pegar no jarro da água, avançar para a minha cama e despejá-lo sobre a colcha. E o Barão sacudia-me por um braço, a perguntar-me o que é que eu estava a fazer, e a empurrar-me na sua frente, pelo corredor adiante. Entrámos na sala de jantar. Ele insistia e eu respondia que não tinha feito nada, que não sabia nada.

A criada passou apressada e fez de conta que não ouvira o Barão perguntar-lhe o que tinha sido. Então voltámos ao quarto para vermos. Já não havia fumo. No meio do chão estavam a colcha da cama e os restos do travesseiro de palha. Tinha sido com o cigarro.

— Ias morrendo assado — comentou o Barão, e começou a rir, a rir, com um grande exagero.

Pegou-me no braço. Eu também ria. Ele parecia doido, às gargalhadas; queria falar, começava a frase, mas tinha outro ataque de riso:

— Quando saíste...

E o riso sacudia-o numa explosão irresistível. Daí a momentos podia dizer mais umas palavras:

— ... parecia que vinhas do Inferno!...

Fomos dar outra vez à sala de jantar e o Barão quis festejar o meu regresso do Inferno com mais champanhe. Aquelle susto despertou-me uma alegria muito expansiva. Na verdade tinha escapado de morrer queimado, graças ao barulho que ele fizera a bater na porta. Devia-lhe tal vez a vida.

— Deves-me a vida!

E o champanhe continuava a transbordar das taças e a erguer-se em brindes a tudo o que nos lembrou, a todos os nossos desejos, sonhos, ambições, a todas as nossas saudades, desilusões, a todos os nossos amigos, a tudo quanto nos ocorreu naquele momento de sinceridade. Esses brindes foram verdadeiras confissões,

como o abrir das nossas almas. E, na verdade, a quem podemos falar com mais franqueza do que a um desconhecido que nunca mais veremos? Além de que estes momentos de espontânea revelação em que abrimos quanto podemos todas as portas e alçapões de nós próprios, estes momentos são tão difíceis de atingir, por cobardia e por orgulho e pela incompreensão que nos rodeia, que, quando se consegue assim uma hora dessas, não devemos perdê-la, embora se fique, no fim, arrependido e triste como quem fez uma traição a si próprio. Mas, ao mesmo tempo, dá o alívio de quem abre uma válvula de escape quando a pressão por dentro é já de mais. Entre outras coisas, contei-lhe uma melancólica história de amor, que era a minha. Foi a primeira pessoa a quem a confessei, dez anos depois de ela ter passado e aniquilado a minha vida. E nunca mais, a ninguém. Creio que, naquele momento, principalmente, a recordava a mim próprio. Revivi essa história triste como se fossem os melhores dias da minha vida, que eu não quisesse deixar esquecer, recordando-a em voz alta, ou-

vindo-me a mim próprio, como se outra ma contasse. O Barão, imóvel, olhava-me com o olhar muito fixo. No fim vi-lhe os olhos cheios de lágrimas. Também os meus estavam rasos de água. E afinal um caso tão simples e tão vulgar.

Calei-me e ficou um grande silêncio na sala. Depois ele quis pôr-se de pé. Mas tornou a deixar-se cair na cadeira. Levou mais uma taça à boca e despejou-a de um trago. Isto deu-lhe novas forças. Levantou-se lentamente, vi-o subir, pareceu-me que crescia, que aumentava de altura e largura, tornando-se espantoso como um gigante. A cadeira caiu para trás. Ficaram com o olhar distante e fixo. Deu uns passos para mim, enfiou o braço no meu e disse, como quem obedece a um pensamento a que sempre tivesse conseguido furtar-se, mas que tinha agora de cumprir:

— Vamos.

Já estávamos calmos ou cansados. Pisámos um cão que fugiu num ganir lancinante, pela casa silenciosa, com uns gritos que arrepiavam.

Saimos da sala de jantar, mas depois

voltámos ao mesmo sítio, entrando por outra porta, sem sabermos por onde andávamos, de braço dado, calados e inseparáveis. Por fim descemos uma escada e abrimos uma porta que estava fechada com uma grande tranca de ferro. Veio de fora o ar frio da noite. Os outros cães passaram à nossa frente. Fomos caminhando entre árvores baixas, talvez macieiras, pelo meio das quais havia umas plantas rastejantes. Andávamos em volta da casa, sempre silenciosos, como se houvesse um entendimento entre nós. Eu não sentia necessidade de lhe perguntar nada. Ele, curvado, procurava qualquer coisa. Reparei que pisávamos os canteiros de um jardim. Eram flores, rosas, grandes jardins brancos e maciços de sardinheiras. O Barão, por fim, ajoelhou-se e começou a apanhar violetas. Os cães lambiam-lhe a cara e ele cuspiu, sem nojo, e empurrava-os, meigamente. Eram, na verdade, violetas. Perguntei-lhe:

— São para a «Madona do Campo Santo»?

Não respondeu e continuou, na escuri-

dão, a procurar as pequenas flores perdidas entre a folhagem rasteira. Mas de súbito levantou-se e exclamou:

— Tens razão. Violetas é piegas...

Uma rosa.

— Para quem?

— Para Ela...

— Ah! Tu também...

— Não. Tu não...

Respondi, em voz baixa, como se fiasse para mim próprio, com melancolia:

— Desculpa. É para a Outra.

— Quem é a Outra? — perguntou, parando e olhando-me no escuro, num tom de intimidade triste, como quem se lembra de uma esperança ou de uma saudade.

— E essa? a tua...

— Minha?...

Ficámos parados e calados. Depois deu uns passos na sombra. Não o via, mas ouvia-lhe a voz ali ao pé de mim, como se ele tivesse, de repente, deixado de existir e só a voz continuasse no ar da noite:

— Não a conheces... Para que hei-de dizer-te o nome?...

Senti-lhe uma grande comoção na voz. Estávamos ambos bastante embriagados e com a comoção fácil, própria desse estado. Ficámos outra vez calados, num longo silêncio de profunda comunhão. Mas o que restava de individual em cada um reagiu. O Barão recomendou a procurar, agora, uma rosa. Eu fui também cortando rosas e ensanguentando as mãos nos espinhos, sem intenção nenhuma, pois não tinha ninguém a quem oferecer aquelas flores. Comecei uma longa divagação sobre as mulheres e o amor, uma espécie de monólogo trágico e delirante. Ele continuava a procurar, silencioso e indiferente às minhas divagações. De súbito, interrompeu-me, como quem continua um pensamento:

— Já quis fugir com Ela... Mas agora já não quero... (Fez uma pausa e continuou, com a voz mais triste): Tem medo... tem medo de mim...

A voz molhara-se-lhe de lágrimas. Reagi:

— Pois as mulheres devem ter sempre medo de nós.

— És um simples... As mulheres de

quem a gente não tenha medo não presam para nada. (E acrescentou com melancolia): Faz de conta que estamos de acordo...

Continuámos a caminhar entre as sombras da noite. Íamos calados, marchando ao lado um do outro, agora apresentando o passo, sem eu estranhar, como se soubesse o que íamos fazer. Um profundo silêncio pesava em volta de nós, sobre o mundo todo; só um leve rumor da aragem nas folhas das árvores, os nossos passos e os dos cães. Mas o Barão, estando e voltando-se para trás, deu um berro terrível.

— Quem vem aí?!

Os cães fugiram assustados. Vi que não vinha ninguém e atrevi-me a dizer que tinha sido engano. Mas ele insistia em altos gritos apopléticos:

— Quem está aí?... Quem está aí?!...

E correu na direcção de uma moita de árvores. Segui-o e verificámos que não estava ninguém. O Barão, porém, tinha a certeza e eu começava a duvidar.

— Varo-os como a cães!... Canallhas!!!... Hei-de-lhes acabar com a ma-

nha de andarem atrás de mim!... Não sou menino de mama!... Carneirada!!!...

De repente, fez-me um misterioso sinal de silêncio. Escutei. Nada. Mas ele tirou a pistola do bolso e deu seis tiros na direcção donde julgara que vinha o som. Seguiu-se um grande silêncio. Nem os cães já ali estavam. Só eu. Pegou-me no braço e explicou que eram os criados. Atirou a pistola fora, como uma coisa inútil, e recomencámos a caminhar na direcção de que nos tínhamos desviado. Marchámos calados durante algum tempo. Já tinha os olhos habituados ao escuro e começava a ver através da noite. Ele levava uma rosa erguida na mão; eu caminhava a seu lado como se soubesse para onde, mas afinal ia apenas atraído por um mistério que nem tentava imaginar.

O ar fresco da noite dava-me prazer e leveza. Os cães tinham voltado para ao pé de nós e mantinham-se a nosso lado, como sombras rastejantes. Ouvi estalar um ramo de árvore e só nesse momento percebi que, na verdade, vinham pessoas atrás de nós. Naquele estado de espírito, julguei outra coisa. E calei-me, pois até

para a minha segurança pessoal me parecia mais conveniente. Verifiquei que levava o meu revólver no bolso e fui andando ao lado do Barão, que estugava o passo cada vez mais, como um fugitivo. Apurei o ouvido e, com o olhar aguçado, tentei penetrar a escuridão da noite. Os cães, por vezes, desapareciam e depois voltavam em corridas súbitas que me sobressaltavam. Até que chegámos a uma estrada. Ali pareceu-me que a noite estava menos escura. Ou então era já o clarear da madrugada. Não sei bem. Fosse pelo que fosse, não estava completamente escuro. Pareceu-me que pela estrada não vinha ninguém atrás de nós. O Barão quebrou o mutismo em que íamos e inclinou-se para o meu ouvido, como se até naquele sítio fosse necessário falar em segredo:

— É ali.

— O quê? — perguntei, também em voz baixa.

— Sch... Não tenhas medo...

— De quê?...

— Vai... Não, fica antes aqui... Só se eu chamar!...

— Está descansado...

Pareceu-me que as suas ideias não tinham continuidade.

Talvez as minhas também não. A verdade é que continuávamos a caminhar pela estrada como quem vai para um sítio combinado. Íamos ao longo do alto muro de uma quinta e um pouco adiante, sob as árvores, via-se a sombra duma casa.

O Barão parou e com voz lenta da embriaguez disse-me num tom amargo:

— Tu não sabes... O amor é que salva... Já amaste?... Mas de perder ou de salvar?... (Eu ia para responder, porém só encolhi os ombros, com desprezo. Afinal não tinha ouvido nada do que eu lhe contara.) E não sentes a tua vida vazia? Nem ódio?... Não és nada, na vida não és nada... Se eu te contasse tudo!... Mas não sei falar d'Ela, nem de mim... Fui outro... nesse tempo... E esse é que foi *eu*. Naquelle baile, quando acabou de dançar, o pai chamou-a e disse-lhe: «Foi o teu último baile.» Foi a última vez...

Fazia longas pausas e quando se calava apressava o passo. Eu seguia-o, aproximava-me, e, outra vez ao seu lado, con-

tinuava a ouvi-lo como se ele falasse mais para si próprio do que para mim.

— Tens ódio a alguém? (Com desânimo): Nem amor nem ódio... Julgas que é viver, sem ter amor nem ódio?!

— Nem amor!... — exclamei por fim, olhando com desdém aquella sombra desconhecida que ia ali ao meu lado. — Mas que te interessa a minha vida?...

— Está bem, está bem... Não te zangues. Já gosto mais de ti... Mas eu não posso ficar com tudo cá dentro. Gostava de ser como tu: calar-me. Mas não posso. É pior. E assim vivo outra vez... O ódio... (Riu com sarcasmo.) Meu pai... Não posso compreender... (Parou e poitou a mão sobre o meu ombro.) Meu pai tinha-lhes ódio, a Ela não, ao pai, só a ele. E não o matou, foi a mim e a Ela, foi a mim que ele matou. Um dia hei-de contar-te tudo...

Parámos em frente de um grande portão de ferro. O Barão ficou calado, como esquecido e alheio. Depois, olhando-me e reparando em mim, continuou:

— O amor é que perde... Tu também sabes... Fez de mim um escravo com esta alma de rei... Um escravo e um rei na

mesma carcaça podre. Sou uma flor e um escarro... Um dia hei-de contar-te tudo. Mas hoje estou bêbedo; hoje não. E foi por pouco... por tão pouco!... Mas diante d'Ela eu era uma criança, eu que sou capaz de tudo... E tinha sido tão fácil!... Mas depois já não... E espojei-me no lodo. Fazia-me bem. Quanto mais lodo melhor... Dava-me distância... adormecia o leão na jaula... Julgas que eu era assim como sou hoje? Fiz-me assim para Ela não se arrependar, para Ela não ser mais infeliz... O amor é que nos salva... ou que nos perde... Eu sei... Não sei amar, mas sei o que é... Quando digo esta palavra dói-me aqui dentro. Mas digo. Dói, mas digo. É uma facada... Nunca reparaste que tem assim uma luz como um sol?... Gostas mais do Sol ou das estrelas? Eu não, eu gosto mais das estrelas...

Começaram a ladrar, furiosamente, vários cães por trás do muro de uma quinta. Os do Barão, ao pé de nós, respondiam. Mandou-os calar e atirou um pontapé ao que estava mais perto. O cão fugiu a ganir, um ganir metálico que corria a noite e me arrepiou. Tínhamos an-

dato mais uns passos quando percebi que, por algum motivo, ele estava hesitante. Parava, olhava em volta, sem um sentido definido. Começou a assobiar, a chamar os cães. Os outros, de dentro da quinta, ladravam cada vez mais. Deviam ser três ou quatro. Foi até ao fim do muro e parou, como se só precisasse de ir até ali. A tal casa já tinha ficado para trás. Então disse-me para eu segurar os cães. Mas como podia eu segurar ao mesmo tempo quatro cães grandes? Concordou com um «é verdade» contrafeito e, saindo de ao pé de mim, desapareceu. Tentei segui-lo, mas já o não vi. Chamei. Respondeu-me ao longe, perdido na noite, com uma voz que nem me pareceu a dele.

Caminhei naquela direcção, mas não o encontrei. Sentei-me na borda da estrada e acendi um cigarro. Ali fiquei a fumar, tranquilo e esquecido, numa feliz e completa indiferença. Tinha passado não sei quanto tempo, quando ouvi passos. Os cães da quinta começaram a ladrar. Era o Barão. Explicou-me que tinha ido a uma vinha arrancar um arame, e esta explicação deu-me vontade de rir. Olhou-me com

surpresa, sem compreender. Eu também não saberia explicar aquele exagerado bom humor. Estava com uma tão boa disposição que me admirava de mim próprio. Ele, com a sua voz lenta e pesada de ébrio, comentou, afastando-se:

— Estás bêbedo... Estás mas é muito bêbedo...

Melindrei-me com isto, prova de que na verdade o estava. E respondi-lhe no mesmo tom de desprezo:

— Mas é de hoje... e a tua é de há não sei quantos anos...

Como se não tivesse ouvido, parou ao pé de uma oliveira e começou a enrolar o arame em volta do tronco da pequena árvore e a chamar carinhosamente os cães que nos acompanhavam.

— *Mondego*... Aqui... *Mondego*...

Pegou na coleira do cão e enfiou-lhe o arame. Depois o outro.

— *Tejo*... Cá... *Tejo*...

Até que os prendeu todos ao arame. Então disse-me:

— Ficas aqui. Não saias daqui.

— Porquê?

— Pois porquê?... Então!?...

E mostrou-me a rosa que continuava intacta na mão. Eu estava já suficientemente lúcido para aquilo começar a parecer-me ridículo. E atirei-lhe uma gargalhada na cara. Deu-me um empurrão e caí de costas no meio dos cães. Enquanto procurava levantar-me, eles lambiam-me piedosamente a cara e eu atirava violentos insultos ao Barão, que já não estava ali. Levantei-me e corri atrás dele. Então perceu-me ouvir, do lado de trás do muro da quinta, vozes misturadas com o ladrar dos cães. Eu andava já fora da estrada a procurar o Barão como quem caça uma fera, correndo, tropeçando nos torrões da terra lavrada, nas valas, caindo, levantando-me, numa espécie de furiosa sede de vingança. Mas em vão: tudo eram sombras fugidias, ramos de árvores que me fustigavam a cara onde o suor corria em grandes bagas, ou folhas que me acariciavam irónicamente a face. Bufava como um toiro. De repente lembrei-me do revólver e tirei-o do bolso: estaquei a meditar, a estabelecer um plano, ofegante, sem poder andar mais. Nem sei já se era de fúria contra o Barão ou se estaria ape-

nas com medo. Reparei que estava outra vez ao pé da estrada. Dei mais uns passos, sentei-me na valeta e resolvi esperar. Poisei a arma na relva, a meu lado, e com o lenço fui limpando o suor que me alagava a testa. Estava cansado. Tirei outro cigarro do bolso e comecei a fumar. Soube-me mal; atirei-o fora e fiquei com o olhar fixo na brasa vermelha que parecia um olho na escuridão a fitar-me. E afundava-me num adormecimento dos sentidos. Olhava sem ver, ouvia sem ouvir, as idéias tumultuavam-me na cabeça sem as compreender nem as poder dominar. Era uma cavalgada de clarões e sombras, entre visões nebulosas ou de uma nitidez que feria, mas num outro *eu* libertado deste que ali tinha caído, sonâmbulo e atónico. E ouvia ao longe um confuso latido de muitos cães ao mesmo tempo. Isto, pouco a pouco, foi-me chamando à realidade. Senti que começava a pensar com clareza. Fiz uma revisão mental do que se tinha passado até ali e compreendi que estava a exagerar e a deturpar os factos, que era tudo uma brincadeira.

E onde estaria o Barão? Andava tal-

vez a procurar-me, já aflito. Lembrei-me daquela rosa branca, erguida na sua mão como um símbolo de pureza, e vi a beleza de tal gesto, cujo destino eu ignorava, mas para o qual ele me tinha pedido auxílio. E eu tinha-o atraído e andava a persegui-lo com um revólver na mão. Tive remorsos. Levantei-me e comecei a caminhar, num passo apressado, pela estrada adiante. Naquele momento eram para mim muito confusas as intenções do meu companheiro com uma rosa na mão, mas aquele gesto, agora, parecia-me admirável. Não me tinha dito para quem era... Ah! chamou-lhe a Bela-Adormecida!... Como esta frase teve a beleza de um sonho!

Por fim esqueci-me do Barão e, a cantar, no profundo silêncio da noite, contivei a caminhar pela estrada. O céu estava cheio de estrelas e a minha voz subia até elas.

Àquela hora o Barão saltava o grande muro, aproximava-se do castelo e escavalava as paredes, até à janela da Bela-Adormecida...

Eu lá ia pelos caminhos desconheci-

dos e sem fim, erguendo os meus cânticos à noite e às estrelas.

Só o romper da manhã me chamou à realidade. Senti arrepios de frio e doíam-me as pernas. Na meia-luz do alvorecer, procurei em volta, com a vista, o solar do Barão. Só vi uns vales profundos, envolvidos em sombra e neblina. Onde estaria eu? Quanto teria andado? Calculei que não podia ter percorrido grande distância. Voltei para trás, num passo apressado. E caminhei, caminhei, já exausto e desanimado, sem encontrar o palácio, nem outra casa qualquer, nem uma aldeia, nem ninguém. Era como se tivesse caído na Lua. Só montes desertos, numa luz cinzenta, e a estrada branca sem fim, fazendo curvas na minha frente. Caminhei durante algumas horas. Até que não pude mais. Doíam-me os pés, doía-me o corpo todo, tinha tonturas e a cabeça parecia apertada num capacete que abrasava. E queimava-me uma sede torturante, que aumentava a cada passo. Sentei-me, ou caí, na borda da estrada que descia da montanha coberta pela névoa matutina. Depois, ao longe, o céu tomou uns tons

cor-de-rosa, com laivos violetas. Era um espectáculo belo e novo. Um pequeno pássaro escuro surgiu ao pé de mim, sobre o ramo seco dum tojo, deu um «piu» triste e voou, desaparecendo. Levantei-me para continuar a marcha; porém, custou-me a endireitar as pernas e as costas. Era como se tivesse os ossos partidos. Mas a Providência existe. Apareceu na curva da estrada um moleiro com o burro carregado de sacos de farinha. Fui ao seu encontro e pedi-lhe que me alugasse o jumento. Não queria. Foi difícil convencê-lo. Teimava que o animal não aguentava comigo, que não podia deixar ali os taleigos da farinha, que o deixasse «pelo Santíssimo Sacramento». Perguntei-lhe quanto valiam a farinha e os taleigos. — «Mais de cinquenta mil-réis.» Tirei da carteira uma nota de cem escudos e meti-lha na mão. Contento, mas sem o querer mostrar, tirou os sacos ainda com uma lamúria, «seja em desconto dos meus pecados», mas que era só até não sei onde e depois lá se arranjava uma carroça, pois não queria rebentar o burro. Foi esconder os taleigos atrás de uma silveira e voltou.

Como o burro não tinha estribos e o albardão era muito largo, o moleiro ajudou-me a subir. Logo que me instalei, deu um estalido com a língua e o simpático animal começou a bater a estrada no seu chouto miúdo. Eu, escarranchado em cima da enorme albarda de palha, olhava o pobre homem como quem contempla o seu verdadeiro anjo da guarda.

Estava o Sol já alto quando chegámos ao solar. O criado que veio abrir o portão, ao ver-me, exclamou com surpresa:

— Ah!... V. Ex.^a!... Ainda bem...

— Ainda bem, o quê?...

— Quero dizer... Peço desculpa... Estávamos com medo de que também... como o senhor Barão...

— Já veio?

— Está livre de perigo.

— De perigo?!... Que perigo?

— Então V. Ex.^a não sabe?... Teve um desastre...

— Um desastre?!...

— Sim, senhor. V. Ex.^a não andava com o senhor Barão?...

— Andava... Mas... Sim... E como foi?

— Eu não sei mais nada. Quem pode explicar é a senhora Idalina...

Fui ao quarto do Barão. Estava estendido na cama, com um tiro num ombro e fractura do crânio. Percebi que queria dizer-me qualquer coisa e aproximei-me do leito. Ciciou com dificuldade, entre dentes:

— Mas ficou... na janela...

E cerrou os olhos, como se tivesse feito um grande esforço. O médico puxou-me pelo braço, pedindo que saísse do quarto, para que ficasse em completo repouso.

Mais tarde tive notícias dele. Mandava-me dizer que lá me esperava.

Sim, Barão!... Hei-de voltar, um dia. E havemos de tornar a perder-nos pelos caminhos sombrios do nosso sonho e da nossa loucura; e mais uma vez havemos de cantar às estrelas, e dar a vida para ires depor outro botão de rosa lá na alta janela da tua Bela-Adormecida!...

AS MÃOS FRIAS

LB 53-6

Ao entrar a porta da rua olhou para cima e viu que estavam três pessoas na escada, a conversar em voz baixa. Eram sombras: tinha começado a anoitecer. Mas no patamar havia uma claridade vaga que vinha dali, de uma das portas do primeiro andar. E de repente pareceu-lhe que devia ter acontecido qualquer coisa. Subiu.

— Boa noite.

Afastaram-se para ela passar.

— Boa noite.

Foi a voz da senhora Clara que respondeu e ao mesmo tempo, com a mão papuda, segurou-a pelo braço e segredou-lhe ao ouvido:

— Morreu o senhor Pedro.

Virgínia disse com indiferença:

— Coitado! De repente?

E, com um vago cansaço, ficou ali um momento parada a olhar a porta do pri-

meiro andar, donde vinha uma luz amarelada. A senhora Clara, na mesma voz de segredo, disse-lhe que podia entrar.

— Eu?!...

— Sim.

— Para quê?

Reparou então nas outras duas pessoas: um homem novo, bem vestido, e a costureira que morava no rés-do-chão, a D. Augusta, que lhe sorriu com o seu arzinho hipócrita, esclarecendo amavelmente, também em voz baixa:

— Qualquer pessoa pode entrar.

— Mas não me interessa. Nem o conhecia.

— Ah!... Não conhecia?

A senhora Clara avançou, afirmativa:

— Não conhecia? Ora essa!... Então não conhecia!?! Está aqui há cinco anos...

— De vista, sim. E do baile de Carnaval, tem razão, mas nunca lhe tinha falado.

— Ah! Isso é outra coisa... Era um bonito homem. E assim de repente!... Isto matou-se, eu digo que se matou; alguma droga o estoirou. Não viu os olhos dele?

Saídos, brancos como um ovo! Aquilo foi da ânsia, do arrebatamento. Isto digo eu, mas eu não sei nada...

— Pode ser — comentaram do lado.

— Lá natural não foi. Mas, psiu!...

Nada de sarilhos...

Virgínia perguntou:

— Porque é que julgam isso?

Cochicharam aos ouvidos umas das outras, para que nem as paredes ouvissem, embora andassem a procurar toda a gente para espalhar a notícia aos quatro ventos. Mas sibilavam sempre em segredo, pois assim tinha mais sabor:

— Então, ora diga-me, um homem na flor da vida e rico, a quem não faltava nada... que as mulheres eram à bicha, cada princesa que metia medo por esta escada acima! As cabras!... Então um homem destes...

— Só se fosse por isso... — interrompeu o indivíduo que ali estava a fazer roda.

— O quê?

— Para se ver livre dessas princesas. Ou então estafaram-lhe o capital.

— É lá desses! Por isso já se sabe que

não foi. Esteve cá um amigo dele, que saiu não há dez minutos, e disse que não. Mas ele desconfia de alguma coisa! Olá!... Então, entre.

E empurrou Virgínia. Ela segurou-se à ombreira da porta e teimou:

— Não, agora não.

Mas já estava lá dentro. Os outros vi-nham atrás, como um cilindro que levasse tudo na frente. Era um vestíbulo com um cabide, cadeiras e uma arca antiga, de pau-preto, com pregos amarelos. Não estava ninguém. Pela porta em frente via-se uma sala grande com *maples* e sofás. À esquerda, estava escancarada uma outra porta: era um quarto com o morto deitado sobre a cama e velas em volta. A criada surgiu do corredor para ver quem é que vinha a entrar. Como eram pessoas conhecidas, voltou para trás, sem dizer nada, e desapareceu. O defunto tinha as solas dos sapatos novas, por estrear, a casaca de bom talhe, o peitilho e a gravata branca impecáveis. Aos pés, um ramo de rosas vermelhas. A D. Augusta, que já tinha visto, ficou na sala de entrada, aproveitando para falar em par-

ticular com o tal homem que a acompanhava. Entretanto, Virgínia e a senhora Clara tinham-se aproximado do leito. Virgínia parecia agora um pouco impressionada, empalidecera levemente e olhava o defunto e as coisas que o rodeavam, com um olhar inquieto. Ao contrário da senhora Clara, que passeava por cima de tudo, mais uma vez, um mirar triste e deleitoso. Já ali fora, desde manhã, dezenas de vezes. Era um dever cristão. Com voz plangente choramingou:

— Coitadinho, está tão bonito!...

Virgínia saiu. A senhora Clara veio atrás dela perguntar:

— Fez-lhe impressão?

— Não.

— Pois... Um morto é um morto...

— Bem, boa noite.

— Até já. Venha fazer-me um bocado de companhia, para eu não estar aqui toda a noite sòzinha.

— Tenho as meias molhadas e estou constipada, com arrepios.

— Mas mude, e venha.

— Vou ver. Não prometo. Boa noite.

— Até já.

A D. Augusta repetiu «Boa noite» e o homem que estava a conversar com ela, num exagero de solenidade, fez uma penquena vénia silenciosa. Virgínia saiu para o patamar e subiu a escada. Ao chegar ao quarto atirou o chapéu para cima da cama. Depois foi diante do espelho e passou as mãos pela cara. Pôs pó-de-arroz. E sorriu para a imagem do espelho como quem se alegra de ver uma coisa agradável depois de uma coisa triste. Tinha pena, sim, coitado. Reparou agora que começava a sentir uma certa curiosidade por aquele caso. Porque teria sido? Elas sabiam qualquer coisa... Deitou-se sobre a cama e desembulhou um rebuçado. Começou a chupar e a revolver o caso na imaginação. Matou-se. E parecia feliz... Deitou-se levar por aquela vaga curiosidade de ouvir a senhora Clara. Saltou da cama e foi espreitar à porta. Ouviu a voz da velhota ao fundo da escada. Desceu ao encontro dela. Estava mais gente. O tal amigo tinha voltado. Mas ainda ninguém da família. Eram do Algarve, de Vila Real de Santo António.

O amigo do defunto disse à criada:

— Feche a porta. Talvez essa senhora lá de cima possa vir para aqui um bocado.

Estavam na escada a ouvir. A senhora Clara pôs o dedo no nariz, para escutar até ao fim. Mas não disse mais nada e a criada respondeu que já lhe ia pedir. Ele saiu para a escada. Já elas tinham fugido um pouco mais para baixo. Virgínia não estava a compreender bem aquela manobra, mas lá devia ter qualquer razão. Deixou-se levar. Ele disse mais qualquer coisa à criada:

— ...jantar. Devo voltar só de manhã. Não deixe entrar mais ninguém. Boa noite.

— Boa noite, senhor doutor.

Virou a gola do sobretudo e desceu. A criada já tinha visto a senhora Clara lá em baixo e ficou à espera que o doutor saísse para a chamar.

— Senhora Clara... Suba, subam ambas.

Quando elas entraram para a saleta, fechou a porta apressadamente e apertou as mãos sobre o peito, exclamando melo-dramaticamente, com os olhos em alvo: — Foi estrangulado!...

— O quê? Ó meu Santíssimo nome de Jesus!... Que está você a dizer?!

— Que foi estrangulado! Disse-mo ele agora. Já não é segredo. Veja lá! Quem havia de dizer!...

A senhora Clara dominou logo o primeiro espanto e, voltando-se de repente para Virgínia, que tinha parado atrás dela, exclamou quase triunfante:

— Eu não dizia?! Aqui havia coisa!... Era de ver! E desconfiaram de alguém?

— Hão-de desconfiar... Eu é que não sei... Mal paro aqui. Que ontem esteve cá uma mulher, isso já eu vi, mas saiu cedo; o Marques viu-os na escada. Mas não sabe quem era.

— Logo o Marques, o bostelo...

— Mas a polícia dá com ela, olá! Não escapa. Aqui ao pé de tanta gente e ninguém sentir!... Até me tremem as pernas...

— Você cá dentro e não ouviu, que fará!...

— Ó mulher, eu durmo aqui?! Só venho cá fazer o serviço. Foi quando entrei de manhã que dei com esta desgraça. Estava tudo num terramoto. A polícia é

que já deu ordem para arrumar as coisas. Tiraram fotografias. Uma das cadeiras... Venham cá...

E encaminharam-se para o quarto do morto. A criada descreveu com muitos gestos:

— Uma cadeira ali, de pernas prò ar. A garrafa da água partida; a roupa da cama aqui no chão, toda deste lado. Vê-se que bulharam muito. Vê a gaveta arrombada? Era onde estava o dinheiro, não que eu soubesse, apesar de que ele dizia: «Ponho-te oiro em pó na mão.» Coitadinho! Um santo...

E enxugou uma lágrima hipotética. Ficaram um momento caladas a olhar para o morto, que, na sua casaca elegante, estava sociável. Até, se reparassem bem, reconheciam que se estavam a falar em voz baixa era porque nos subconscientes havia a dúvida se ele não estaria a ouvir e não poderia levantar-se. A criada, depois de um pequeno soluço, chamou a atenção das outras para as mãos do patrão.

— Tinha umas lindas mãos.

E, aproximando-se do leito, disse:

— Chegum aqui.

E pegou numa das mãos do morto para a levantar. Mal a mexeu. Sentiu um calafrio e afastou-se da cama a olhar fixamente a cara do defunto. Tinha-lhe parecido que ele fizera força. Mas a senhora Clara, compreendendo, acrescentou:

— Está rijo.

— Pois está, é isso...

Houve um certo alívio nesta frase da velha criada. E, com vergonha da sensação sentida, desmentiu para si própria:

— Mas não faz impressão nenhuma. É como se fosse um boneco. — Viu que pela primeira vez tinha chamado *boneco* ao patrão, e gostou desta liberdade. — Experimentem. Experimente você, não tenha medo.

— Medo? Um morto é um morto... Mas nunca lhe toquei em vivo, também não vale a pena tocar-lhe agora.

— É certo. Coitado... Sentem-se. Olhem, eu vou comer qualquer coisita, que mal almocei. Venham também. O doutor trouxe uns pãozinhos com fiambre, para eu não ter de sair daqui. Mas é mais de uma dúzia. Venham cá...

— Obrigada — disse a Virgínia, que não queria.

Mas a senhora Clara deu um balanço na cadeira, «pois eu aceito», e levantou-se. Saíram ambas.

Virgínia ficou sentada onde estava. Arrependeu-se logo de não ter ido também, mas não quis dar a impressão de que tinha medo. Porque na verdade não tinha.

E, para se convencer bem disto, olhou a cara do morto pormenorizadamente, com um à-vontade um pouco forçado. Depois voltou-lhe as costas e viu-se ao espelho. Pensou: «Vou até mexer nestas escovas e abrir aquela caixa.» E pegou nas escovas. Já tinha visto muitos mortos, dizia mentalmente: o avô, o pai, o tio Francisco, a Emília, o Bernardo, o senhor Santos...

E foi recordando. Sabia bem que um morto era uma pedra que ali estava. Lembrou-se da história que o irmão lhe contara: estava a velar o cadáver de um amigo e deu-lhe sono. Ficara sózinho. Os outros dois companheiros tinham ido dormir para a sala do lado, nas duas únicas cadeiras que ali havia. Não tinha outro

sítio para se deitar; empurrou o morto para lá e deitou-se ao lado dele.

Olhou aquele que ali estava, com pena. O senhor Pedro... É uma pedra... Era simpático, alegre. Mas agora já não é nada. Pensou: «Também sou capaz de lhe tocar nas mãos.» Aproximou-se e olhou-o perto da cara. Mas teve um calafrio. Afastou-se e deu a volta à cama. «Nem de fantasma nem de mortos, não tenho medo.» E do outro lado ficou parada a olhar para as mãos dele, brancas, finas, de dedos longos. «Também sou capaz.» Pegou no ramo de rosas, virou-o de um lado e do outro, mecânicamente, sem dar atenção ao que estava a fazer, e tornou a pô-lo no mesmo sítio. Estava a pensar nas mãos do morto. Olhou-as outra vez. Pareciam de cera. Estendeu o braço e, como uma sonâmbula, quase sem querer, poisou a ponta dos dedos sobre a mão do defunto. Sentiu uma frieza de gelo e um arrepio percorreu-lhe o corpo todo. Recuou e sentou-se, atónita, na mesma cadeira onde há pouco tinha estado. Olhou a ponta dos dedos onde a sensação de frio tinha ficado pegada, e passou a mão sobre a saia como quem a limpa

de alguma coisa. Mas começava a sentir-se recuperar a serenidade. Tinha sido uma brincadeira de mau gosto. E resolveu ir lá acima ao quarto, lavar as mãos. Passou pela saleta de entrada, ouviu vozes na cozinha, onde as outras estavam a comer, e, com cuidado, abriu a porta que dava para a escada. Vinha vento frio da rua. Deixou-a só encostada e subiu a correr. Encheu a bacia, ensabooou bem os dedos, depois abriu a torneira e ficou a olhar as mãos por onde a água límpida corria. Esfregou com a toalha. Para não ficar sôznha, saiu do quarto e desceu de novo a escada, devagar. Estava a porta tal qual a tinha deixado: não deviam ter dado pela sua saída. Escusava de estar com explicações. Fechou a porta e dirigiu-se à cozinha. Conversavam animadamente. Interromperam quando ela entrou.

— Até me tinha esquecido que estava lá dentro...

— Também eu — acrescentou a outra. E retomaram o fio da conversa. Virgínia teve a impressão de que estavam já embriagadas. Cheiravam a aguardente, falando devagar, com a voz pesada.

— É da Marcelona... — disse a criada para Virgínia.

— O quê?

— Estamos a falar da Marcelona, esta croía aqui da frente...

— Ah! Não conheço.

— A do canário.

— Sabe, como não estou cá de dia...

— É isso, é isso... Pois é dela. Faz-se lá ideia!... Tem barbas e basta.

A senhora Clara acrescentou:

— Diz-se até... — e cochichou-lhe o resto ao ouvido, em segredo. A outra, enquanto a companheira se babava pendurada ao ouvido de Virgínia a mascar uma história obscena, foi comentando para o lado, a falar sòzinha:

— Diz-se?! Olha pra esta... Diz-se!...

Diz-se e é!... Diz-se o quê?... Diz-se e é!... Olha lá pra esta!...

E deu uma palmada na mão aberta, como se tivesse ali a prova.

E as duas velhas deixaram cair a cara sobre a mesa e riram, riram em grandes gargalhadas que enchiam a casa. Estavam completamente bêbedas. Sufocadas pelo riso, começaram a pronunciar umas

palavras de que só saíam as primeiras sílabas, logo abafadas. E guinchavam umas vozes aflautadas que Virgínia não distinguia bem de qual eram. Olhava para elas já com nojo e com medo. A baba escorria-lhes pelos queixos: de repente, uma passou-lhe a mão suja pela cara:

— Ó filha!...

E a outra repetiu com esforço:

— Ó filhinha!...

Virgínia ainda se esforçava por sorrir.

A Hipólita puxou-a e perguntou-lhe ao ouvido, em voz alta, rebentando logo a rir:

— Quem é o teu, agora?...

— Não tenho...

— Era a vergonha dos homens se estivesse ainda desconsoladinha...

Mas, do lado, a senhora Clara interrompeu:

— Então e isso da Marcelona?!

— Ah! Da Marcelona... A Marcelona... Estava a contar... quando ela... naquela noite, quando ela me mandou chamar. Mandou-me chamar; se eu conhecia um tal Januário dos eléctricos... Conheço lá essa gente! Que pr'aqui, que pr'acolá... c'um latim de bispo!... E eu farta de sa-

ber... Até que me mete vinte mil réis nas unhas... Eu cá por dinheiro vendo Cristo!... Vou agarrar o homem à taberna do «Engelha» e lá vem ele ao engano, um *enginho*... daqueles de comer com ossos e tudo...

Virgínia fingia ouvir, mas estava nervosa com aquela impressão que lhe tinha ficado nos dedos. Parecia-lhe que tinha as duas mãos geladas, que o frio subia das pontas dos dedos pelo braço acima e lhe invadia o corpo todo. Cravava as mãos uma na outra e estremecia com uma espécie de arrepio nervoso que não sabia bem se era de náusea por aquelas bêbedas repugnantes, se era da impressão que lhe tinha ficado. De repente notava que não estava a ouvir nada do que elas diziam. Era como se estivesse com os ouvidos tapados e de súbito lhos destapassem.

— ...e vai, zás! Na bochecha com o c'rapuço do sacristão...

Acordava de um sonho e ouvia e via de repente aquelas mulheres disformes ali ao pé dela. Não podia suportá-las mais. Levantou-se e elas calaram-se, olharam-

-na com surpresa mas logo compreenderam:

— Estas raparigas d'agora, raios me partam, tudo as enjoa...

— Não, não é isso. Até acho graça...

— Achavas graça mas era a uma coisa que eu cá sei...

— Desculpem. Estou doente. Tenho de me ir deitar.

— Vai, vai... Co'a Marcelona... Olha! Olha!...

E atirou-lhe um gesto obscuro. Virgínia saía já a porta da cozinha. A Hipólita tentou pôr-se em pé, mas desequilibrou-se e caiu contra a mesa, tombando uma garrafa, que se estilhaçou nos mosaicos do chão. Virgínia foi atravessando a casa, a ouvir atrás dela os insultos que ela lançava numa voz rouca e empapada, estendida no pavimento, sem poder levantar-se para ir agarrá-la. Ao atravessar a saleta, a claridade que vinha do quarto do morto obrigou-a a olhar: lá estava, deitado, elegante, as mãos sobre o peito, as velas altas à cabeceira. Num gesto brusco abriu a porta que dava para o patamar e desapareceu no escuro da escada. Veio-lhe de re-

pente vontade de chorar, sem saber porquê. Uma ânsia como uma falta de ar, de gritar, de soluçar, de descarregar os nervos de qualquer maneira. E não era por nada daquilo que se passava ali. Não tinha dado importância a nenhuma daquelas coisas. Antes disso já trazia os nervos carregados, que não podia mais. Era a sua vida abafada, subterrada de baixo de tanta mesquinhez, deste aperto das necessidades do dia a dia, do emprego onde não ganhava que chegasse, do vestido coçado, das outras que vivem, que respiram ao sol, que têm sol! E ela a ver a vida passar.

Viver tinha de ser hoje. E hoje não a deixavam. Subiu para o seu quarto, atirou-se sobre a cama, a soluçar baixinho. Aquele morreu, mas viveu... E sentiu outra vez, mais nítida na ponta dos dedos, a sensação do frio. Era como se estivesse agora de novo a tocar-lhe. Porém, esta lembrança deu-lhe serenidade, uma serenidade aparente. Sentou-se na borda da cama, a limpar os olhos com um pequeno lenço. Pareceu-lhe que tinham batido ali à porta do quarto. Mas não era. Reparou se estava fechada: tinha a lingueta da

fechadura corrida. As bêbedas... Mas bateram, na verdade, à porta.

— Quem é?

— Eu.

Era o Henrique, o seu noivo. Costumava vir.

— Que queres?

— Não sais?

— Não, hoje não. — A voz saiu-lhe longínqua, como alheia a tudo, e dolorida.

— Abre — ordenou ele. Então Virgínia acordou do seu aniquilamento.

— Desculpa. Estou já a deitar-me.

— Mas abre: preciso de te falar.

Foi abrir e ficou entre a porta, com a cara na sombra, para que ele não lhe visse as lágrimas. Ele fitou-a com um espanto interrogativo e pegou-lhe numa das mãos. Sem poder evitar a comparação, ela pensou: «Estas estão quentes.»

— Estás doente?

— Não... Ou talvez. Se queres que te diga, nem sei bem, mas creio que não... Só dos nervos...

— De quê?

— De nada.

— De nada?

Fez-se um silêncio difícil. Parecia que se tinha erguido não sabia que irremediável barreira entre ambos. Ele pressentiu *alguma coisa* que queria explicado; ela compreendeu que tinha de dar uma razão, de desfazer aquele mal-entendido. Mas estava sem forças para lutar, para explicar. Fez um esforço.

— Nunca estiveste triste, aborrecido, sem saber porquê?

— Não.

Ele quis marcar a sua posição de segurança e autodomínio, inaccessível a sensibilidades doentias. Ela respondeu-lhe com calma e quase com desprezo:

— És feliz: saudável de corpo e alma.
— Tudo tem explicação, desde que saibamos e queiramos dá-la. E tu sabes bem porque estás nesse estado de nervos. Não julgues que te conheço só desde ontem. Ou é algum segredo?...

Olhou-o com surpresa e ainda com maior desalento:

— Algum segredo...?

— Então?

— Volta amanhã. Hoje não, não posso. Não posso estar agora a explicar-me...

Não me perguntas mais nada. Amanhã te conto tudo. Tudo que é nada. Mas agora não posso, não posso mais! Desculpa... Vai...

E fez um gesto para fechar a porta. Ele segurou-a. Virgínia tinha os olhos cheios de lágrimas. Estava na sombra e ele não via. Ela é que estava a ver os dele: ansiosos, desorientados, violentos. Mas que lhe havia de dizer? Se, afinal, era só a melancolia da sua vida, a sua sede de libertação que tinha vindo, de súbito, toda à tona da água, numa ânsia que ele não podia remediar e, talvez, nem soubesse compreender. E para quê? Antes não lhe dissesse nada. Amarfanharia dentro de si aquelas grandes asas da sua alma. E amava-o muito, apesar daquela incompreensão, apesar de embater contra ele como uma onda contra um rochedo. Mas afinal era tudo tão simples!... Tão fácil de explicar. Mas hoje não. Hoje era impossível. Bastava estar doente, ou outra razão também simples. Ia começar a soluçar ou a falar e tapou a cara com as mãos:

— Morreu o senhor Pedro...

Mas não soube como tinha pronun-

ciado estas palavras, porque não era nisto que estava a pensar. E não pôde continuar. Ele ficou impassível, à espera. Como demorava, interrogou, calmo:

— Que Pedro?

— O que morava aqui por baixo... E eu fui lá e fez-me impressão. A criada estava bêbeda, insultou-me... Mas amanhã te conto, amanhã!...

— Amanhã, para quê? A tuá cara explica tudo, as tuas lágrimas... São tão sentidas que qualquer te perdoa.

Tirou as mãos da cara, como se ainda duvidasse daquela insinuação; mas de repente teve a certeza do que ele queria dizer e foi como se as lágrimas tivessem secado súbitamente. Ficou a olhá-lo com um grande espanto. Mas ele virou-lhe as costas e desceu a escada rapidamente. Virgínia ficou atónita a olhar para o buraco escuro da porta, para aquele poço da escada, por onde se afundava e desaparecia o homem que ela amava. Dobram-se-lhe as pernas e sentou-se na beira da cama. Ficou imóvel, sem conseguir pensar, sentindo um turbilhão na cabeça vazia. O vento vinha da escada, frio, e a

porta lá em baixo ficou a bater. Então viu sair do vão negro uma mulher — a senhora Clara — que veio até ao pé dela e lhe pôs a mão na testa. Mas tudo longínquo e nebuloso. Nitidamente só ouvia que no andar de baixo, a outra, bêbeda, andava a cantar ao pé do morto.

O INVOLUNTÁRIO

No Outono caem as folhas das árvores, o céu é cinzento e toda a natureza vai adormecer, como dizem os poetas... Filipe da Maia não era poeta e sentia então uma melancolia e um cansaço interiores, que lhe davam aquela inquietação dolorosa. As tardes eram de luz suave e triste, caía uma chuva leve sobre a fofa poeira da rua, chuva que fazia um susurro abafado nas folhas amarelas, e tudo se repassava duma tristeza irremediável. Filipe da Maia encostava-se aos vidros da janela e via morrer as árvores. Mas sentia-se sem raízes e parecia-lhe que poderia salvar-se se viajasse. Percorria-o um arrepio e ia à pressa arranjar a mala, descia a escada, chamava um táxi e corria à estação onde comprava bilhete para o primeiro comboio. E partia sem destino, como quem foge, sem se despedir de ninguém. Viajava, viajava, fugindo das cidades, vagabundeando por aldeias e monta-

nhas. E só regressava na Primavera. Por fim, os amigos já lhe chamavam «Filipe de Maio». Pobre rapaz!... Se não fosse rico, teria sido um homem banal: teria ido para uma companhia de saltimbancos, dessas que dão voltas ao mundo e nunca se sabe onde estão, ou teria comprado um urso e iria pelas aldeias. Falo dele com melancolia porque não sou rico e também não compreí um urso. Tenho pena. Ah! Eu bem digo que, se o mundo é redondo, com certeza que é para se andar à volta dele. Enfim, lá vai... Hei-de contar toda a sua vida, mas hoje ainda não. Fica para mais tarde. Contudo, as páginas que se seguem são já um dos capítulos dessa biografia a que tenciono chamar: E PUR SI MUOVE (Galileu).

O Verão tinha sido alegre e saudável. Andava toda a gente pelas ruas a rir e a cantar, mas caíram as primeiras gotas de chuva e foi como se diluíssem e apagassem as cores do mundo. As ruas ficaram desertas e as janelas das casas sempre fechadas. Toda a gente vestiu uns sobretudoos pretos e compridos, pôs gravatas

escuras, e quem passava ia curvado para o chão, com o passo apressado e o olhar triste. Mas não tinha acontecido nada. Os teatros e os cinemas iluminavam as fachadas e anunciavam as suas *supermaravilhas*, nos clubes começavam os grandes bailes, já todos os salões elegantes se abriam às deslumbrantes festas de Inverno. Porém, a cidade e as gentes tinham tomado o habitual ar triste e resignado. Passavam vestidos de escuro, porque os trajes claros são só para o Verão, e fugiam para dentro de casa, fugiam... Caíam de repente bâtegas de água sobre a cidade. Depois, durante horas, não chovia mais. As ruas de pedras negras ficavam lavadas como esqueletos. No vão de uma porta esquecia-se um homem encostado, a julgar que ainda estava a chover. Ouvia-se ao longe o sino de uma igreja que batia as horas, seca e nitidamente.

À noite não havia estrelas, o céu estava baixo, preto, e as luzes das avenidas alongavam as sombras. Filipe da Maia já não saía de casa, levantava-se tarde, não ia ao café onde se reuniam os amigos, e se chegava a ir era só à noite, mas sen-

tava-se a um canto e falava pouco. Dizia que andava adoentado, para se desculpar. Daí a uns dias desaparecia sem ninguém estranhar. Depois vinha um postal do Algarve ou da Polónia, com abraços sinceros para três amigos e desculpas para todos, «mas vocês já me conhecem».

Desta vez partiu no comboio da noite e escolheu o destino ao acaso num mapa que estava ao lado da bilheteira. O comboio chegou atrasado, o que enerva sempre os passageiros de primeira classe. Filipe procurou um compartimento sem ninguém e sentou-se a um canto. A viagem decorreu incómoda e sem incidentes. O comboio rolou debaixo da noite durante muitas horas. Chovia contra a janela e as carruagens batiam, gemiam, despedaçavam-se. Até que de manhã chegou ao destino. Ao destino não, porque Filipe não tinha destino: ao lugar que o bilhete indicava. À saída da estação viu um carro de cavalos e um solícito cocheiro que veio tirar-lhe a mala da mão. Filipe seguiu-o, sentou-se no carro, ao lado de uma velha que estava a ler as *Novidades* e que o fitou com autoridade. Mas logo o carro

desandou aos solavancos pela estrada adiante e a velha dobrou o jornal, meteu-o na bolsa de mão e começou a vomitar com tranquilidade. Filipe mandou parar o carro, mas a velha gritou-lhe, indignada:

— Incomodo-o?!

E berrou ao cocheiro:

— Ande!!!

Filipe levou a mão ao chapéu:.

— Queira desculpar.

O carro seguiu, enquanto a velha, acomodando-se melhor, recomeçou a vomitar como se fosse para isso que ia ali. Quando chegaram à vila, pararam no meio da rua, em frente de uma pequena casa que tinha escrito por cima da porta a palavra «Hotel». Filipe entrou, pediu um quarto e entretanto foi à casa de jantar para comer qualquer coisa. A um canto estava um sujeito com ar de fidalgo de província, já de cabelos brancos e que não se sabe se tinha uma cara simpática ou não. Pouco depois, não sei como, começaram a conversar, e afinal aquele fidalgo de província tinha sido condiscípulo e amigo, em Coimbra, do pai de Filipe e chamava-se Pessanha. Falou, com sau-

dade, desses tempos e convidou-o a ir passar alguns dias em sua casa, já que tinha vindo ali só para passear. Filipe aceitou o convite, como aceitava tudo que lhe vinha ao encontro, sem preferência por coisa alguma. Saíram do hotel e começaram a caminhar pela estrada adiante.

— Não trouxe o carro porque gosto de fazer este passeio a pé. Faz-me bem.

Em volta estendia-se uma planície sem fim, que se perdia de vista para todos os lados.

Pessanha era um homem forte e saudável, que teria sessenta anos, mas parecia ter muito menos. Ao primeiro olhar dava a impressão de um velho, mas depois, observando-se com mais atenção, já não o parecia. Pelo contrário, irradiava força e no olhar relampejava-lhe, por vezes, o fogo de uma juventude escondida. Falava com facilidade e com uma notável propriedade de expressão. Mas por vezes calava-se como se hesitasse à volta de qualquer outra ideia que lhe viesse. E a pouco e pouco a conversa foi morrendo. Caminhavam calados pela estrada, que era uma linha recta naquela planície cin-

zenta e tão igual que ao longe parecia água. À frente ia um homem com a mala à cabeça. Mas de súbito o céu começou a escurecer com nuvens de chuva. Apresaram o passo. O fidalgo murmurou:

— As chuvas aqui são terríveis.

— Porquê?

— Dilúvios... Se voltássemos para trás?

— Pois sim...

Caíram as primeiras pingas, enormes e raras. Abrigaram-se debaixo de uma oliveira.

— Estamos mais perto da vila que de minha casa.

— Pois sim.

De repente desabou uma bâtega de água que dobrava a rama da oliveira e escavava a terra. Ficaram molhados até aos ossos. E a chuva parou, repentina como viera. Porém, o céu continuava escurido. Pessanha, mal disposto, insistiu:

— Bem, vamos embora.

E iniciou o regresso. Filipe seguiu-o sem contrariedade. Mas tinha dado poucos passos quando se lembrou da mala. Olharam para trás. Já não viram o ho-

mem que a levava. Chamaram, berraram, e os gritos na planície, debaixo do céu fechado, soavam pouco, parecia que não tinham voz. E era estranho que o homem tivesse desaparecido naquela planície rasa.

Filipe comentou com indiferença e ironia:

— Afundou-se...

— A mala faz-lhe falta?

— Talvez.

Era já uma situação confusa e hesitante. Mas Filipe era insensível a estas coisas desagradáveis. Tanto lhe fazia. Porém, retrocederam. Caía agora uma chuva fina, quase nada. Foram andando e teriam caminhado durante vinte minutos quando o caminho desceu levemente e viram o homem já muito ao longe, esfumado pela chuva. O velho chamou com grandes berros, pondo as mãos em porta-voz, mas o outro não ouviu. Distinguia-se a distância, na direcção da estrada, uma pequena sombra escura na planície: era a casa de Pessanha. Continuaram a caminhar. A chuva caía como neveiro e ambos marchavam, indiferentes, sem apres-

sarem o passo. Filipe já sentia certa volúpia naquela chuva que caía sem poder molhá-lo mais. O outro perguntou-lhe:

— O senhor que faz?

— Volto com o homem para a vila.

— Não... A sua profissão?

— Ah!... Não tenho profissão. Vivo como os ricos...

E calaram-se outra vez. Que homem estranho, aquele Pessanha! Mas Filipe continuava na sua indiferença mecânica por tudo. Que homem morto, aquele Filipe! Andasse, desandasse o mundo, o céu, a humanidade — que podia fazer, senão abandonar-se, senão procurar o mais possível o *ponto morto*, o abandono, para não intervir em nada? O velho tinha-o convidado: ia. Agora dizia-lhe que voltasse para a vila: voltaria. Escutava as vozes exteriores e as vozes interiores. Das interiores mal ouvia a única que lhe dizia: «Tanto faz.» Das exteriores só ouvia a de Pessanha: «Regressa.» Há muito que a vida lhe decorria quase sem vontade própria, como um pau pelo rio abaixo. A lei era: não agir por força da sua vontade. Pelo contrário: esforçar-se por se manter

no *ponto de abandono* às acções exteriores. Qualquer impulso da vontade própria, qualquer caminho para que não fosse chamado por uma voz exterior, o fazia sofrer. Sentia que se tinha desviado da senda verdadeira. E contudo movia-se, ora suave, ora violentamente, como as vidas fortes. A única coisa que fazia por si era andar pelos caminhos do mundo, para que os outros, e a chuva e o sol e o vento, lhes dessem encontrões. Agora ali ia...

Foram andando, andando, até que chegaram ao pé de uma casa rodeada por um muro. Em volta, a planície de terra amarela e pedras brancas. Era um velho palácio como há tantos, misto de grande solar e de convento. Dentro daquele muro enorme que o rodeava, parecia metido numa caixa. Passava-se um portão rasgado na muralha e lá dentro era um largo calceado, cheio de erva entre as pedras, com um ar de abandono que dava uma amarga sensação de paz e de desgraça. Pela frente da casa subia a escadaria de pedra, coberta por grossa camada de pó da estrada, misturado com bocados de telhas. Parecia tudo abandonado e deserto. As

janelas da casa estavam fechadas, tinham muitos vidros quebrados e a madeira podre, a cair. Subiram e Pessanha ia a puchar uma campainha, mas o cordão estava apodrecido no chão. Bateu na porta, com a mão aberta. E, voltando-se para Filipe, disse:

— Não se admire desta grande casa arruinada. É como o dono... Considero-a qualquer coisa de mim que não vale a pena consertar...

Maia sorriu com benevolência e o outro continuou:

— Estas coisas quando se consertam ficam falsas e mal disfarçadas.

Veio um criado espreitar à esquina do palácio e foi a correr, de volta, abrir a porta. Filipe disse que não valia a pena entrar. Bastava dizer ao homem que tornasse a levar a mala para a vila. Pessanha interrompeu-o:

— Não. Já agora, está aqui... Mas vai aborrecer-se neste casarão deserto.

Filipe tornou a sorrir molemente. Sentia-se constrangido. Via-se bem que o velho estava arrependido de tê-lo convidado. Porém, acabou por ficar, visto que

Pessanha insistia, outra vez. Seguiu atrás do criado, que abriu a porta de um quarto e desapareceu. Mudou a roupa que o encarcava até aos ossos e voltou ao corredor só iluminado por uma janela ao fundo. O dono da casa devia estar à espera. Parecia-lhe que tinha vindo da esquerda, e, como para esse lado via uma porta aberta, dirigiu-se para aí. Era um salão luxuoso. Não estava ninguém. Resteiros de damasco vermelho e pelas paredes grandes retratos antigos, que deviam ser dos ascendentes daquele último Pessanha. Uns tinham armaduras de guerreiros, outros já estavam vestidos com sedas de gala, e por fim via-se um galgo com um moço fidalgo ao lado. Era uma evolução... Foi andando em volta, vagarosamente, e estava a uma janela a olhar o belo parque abandonado que havia nas traseiras da casa, quando sentiu que estava alguém atrás dele. Voltou-se e viu Pessanha sorrindo com uma expressão agressiva:

— Como veio aqui ter?

— Ao acaso... Tem um belo parque.

— É o meu jardim zoológico. Sabe o que lá tenho?...

— Não... Raposas?

— Lobos. Alguns exemplares admiráveis. Antes de anoitecer iremos vê-los, quando o criado lhes for deitar de comer.

— Mas assim não pode passear pelo parque. Eu também gostava de ter lobos, mas não lhes sacrificava um condado destes...

— Coitados!... O senhor acha de mais e eles acham pouco. As feras devem estar presas, mas sentindo uma relativa sensação de liberdade... Senão estraga-se-lhes o pêlo...

Filipe sentiu que estas últimas frases tinham sido carregadas de um segundo sentido, mas não compreendeu qual era. As feras...

E o velho, com um sorriso irónico, agarrando-lhe no braço, já familiarmente, acrescentou:

— Mas deixe lá os lobos e vamos ver umas pequenas maravilhas desses artistas das idades de ouro, desses tempos em que valia a pena ter vivido.

— Preferia ter vivido nesse tempo?

— Dúvida?

— Eu não preferia. Não se pode fazer ideia... Talvez fosse a mesma coisa ou ainda pior do que hoje.

Pessanha parou, olhou-o com surpresa e disse secamente:

— Não sabe o que diz.

Filipe moveu os lábios num vago sorriso de indiferença, e continuaram a caminhar vagarosamente pelo corredor, calados, na sombra, um atrás do outro. Ao fundo fazia um ângulo recto e continuava para outro lado como um subterrâneo. Até que Pessanha parou, abriu uma porta e mandou-o entrar. Era um salão atravancado de mesas, em cima das quais se amontoavam as mais diversas coisas: porcelanas da China, bronzes, arcabuzes, pratos, santos de pedra ou madeira, livros, instrumentos de música, tapeçarias, roupagens, etc... Pelas paredes, grandes tábuas pintadas. Pelo chão, deixando carreiros estreitos para se passar, tudo quanto não cabia sobre as mesas.

O velho começou por um lado a mostrar peça por peça, e passaram todo o

resto do dia naquele salão. Ao anoitecer, o criado trouxe-lhes o jantar em grandes bandejas, como se já fosse habitual. Sentados nas velhas cadeiras de coiro preto, à luz amarela de um candeeiro de petróleo, ficaram depois calados, a fumar. Por fim Pessanha levantou-se, pegou no candeeiro e quebrou o silêncio:

— São horas.

Filipe seguiu-o maquinalmente pelo corredor abaixo. O outro parou diante de uma porta que tinha luz e indicou-lha:

— É aqui o seu quarto. Boa noite.

E desapareceu. O hóspede entrou e viu o quarto bem arrumado, limpo, com uma vela acesa sobre a mesa-de-cabeceira. Abriu a janela. Depois, foi fechar a porta. Mas a chave não deu volta. Tentou, esforçou-se inutilmente. Tinha o hábito de se fechar à chave, porque era sonâmbulo e, quase sempre, quando de noite se levantava, o acto de desandar a lingueta acordava-o. Mas ali não podia ser, porque aquela não corria. Encostou uma cadeira à porta, deitou-se e adormeceu. De noite os lobos começaram a uivar debaixo da janela. Acordou sobressaltado, acendeu a

vela e saltou fora da cama. Foi fechar a vidraça. Estava uma noite preta. Olhou em volta, o quarto que a luz da vela enchia de sombras inquietas. Foi pôr mais uma cadeira atrás da porta e tornou a deitar-se. Pouco tempo depois levantou-se da cama, caminhou para a porta vagarosamente, tirou as cadeiras com todo o cuidado e saiu. Naquela escuridão fechada só se via uma frincha de luz ao fundo do corredor. Filipe caminhou para esse lado, e ia direito, hirto, sem tocar nas paredes. Mas quando chegou ao fim havia um degrau e caiu pesadamente. Acordou e levantava-se do chão quando viu abrir-se a porta da fresta de luz e aparecer uma velha, que, ao encará-lo, tornou a fechá-la bruscamente. Filipe ia voltar para trás, quando alguém a reabriu e da claridade destacou-se uma silhueta de mulher. Não lhe via a cara. Só ouviu a sua voz doce e triste:

— Não devia ter vindo. Agradeço-lhe muito, mas receio que tenha feito um gesto inútil e perigoso.

Filipe ouvia, atônito, aquela voz de

um timbre quente e penetrante, sem compreender. Balbuciou:

— Peco-lhe que me perdoe. Sou um desastrado sonâmbulo...

Mas foi interrompido por um vulto que surgiu da sombra do corredor. Era o velho. Ela recuou para dentro do quarto e a bruxa fechou a porta apressadamente. Mas Pessanha bateu com a mão e disse numa voz gelada:

— Dá-me a luz.

A criada reabriu e Filipe, enquanto se explicava, viu-a ir buscar um candelabro de prata, com três velas, que estava sobre um fogão.

— Desculpe, sou sonâmbulo... Não pude fechar à chave a porta do quarto. A única coisa que me faz acordar a tempo é ter de dar a volta à fechadura. Desculpe tê-lo acordado.

O velho respondeu-lhe num tom cortante:

— Não faz mal.

Filipe suportava-lhe o olhar duro, com a sua habitual fleuma e indiferença. Achava tudo aquilo muito estranho, mas nunca se interessava por mistérios. E no

tom mais natural do mundo pediu que lhe ensinasse onde era o quarto. O velho, sem transição, mudou de atitude, sorrindo:

— Assustou-me. Um estrondo destes, a esta hora, digo-lhe que é de pôr os cabelos em pé...

— Assustei toda a gente.

— E magoou-se?

— Não.

— Vá-se deitar e veja se dorme mais sossegado.

E voltando-se começou a caminhar pelo corredor fora, seguido por Filipe. Diante de uma porta aberta, parou.

— Vá buscar a sua vela.

Filipe entrou e trouxe o castiçal, que acendeu numa das velas do candelabro.

— Obrigado.

— Bem, boa noite.

Procurou qualquer coisa com que trançar a porta. O melhor era encostar-lhe a cama. Poisou a vela e começou a arrastar o pesado leito de pau-preto. Puxou-o até junto da porta, pondo-o de maneira que não poderia ser aberta sem nova manobra a que não resistiria o seu sonambulismo. Deitou-se tranqüilo. Em toda a

casa havia um grande silêncio. Tinha regressado a calma. Esteve muito tempo acordado até que o sono o levou. Mas a altas horas acordou com um barulho qualquer. Estava luz no corredor e alguém batia na porta. Ficou um instante imóvel e calado, à espera. Bateram novamente com os nós dos dedos.

— Quem é?

Uma voz de mulher, serena, que parecia estar ali por trás da porta e ao mesmo tempo longínqua, respondia:

— Eu... Pode abrir?...

— Vou já. Está aqui uma trapalhada... A cama encostada à porta...

E começou a arrastá-la na escuridão do quarto. De súbito abriu-se uma estreita fita de luz e aquela mulher entrou com o candelabro na mão e as mesmas três velas acesas.

— Dá licença? Não é a hora mais própria para visitar um hóspede, mas nem sempre se pode escolher...

— Com certeza — respondeu Filipe cortêsmente, mas com uma vaga ironia, olhando aquela linda mulher que, envolvida num roupão de veludo verde, os

cabelos loiros em desalinho, lhe entrava pelo quarto com um à-vontade desconcertante. Contudo, nos gestos tinha qualquer coisa de brusco. Poisou a luz sobre uma mesa e sentou-se na borda da cama.

Filipe, que já tinha pressentido o mistério daquela casa, queria dizer outra coisa que não fosse a frase que unicamente lhe ocorria e era convencional e estúpida — «Em que posso ser-lhe útil?» Mas não pôde evitá-la.

— Em que posso ser-lhe prestável?

— Mais?

— O mais que possa.

— Já me foi o mais útil que podia ser.

Depois da cena desta noite meu pai teve um ataque e morreu.

— O senhor Pessanha?!

— Não tenha receio. Nem tenha pena dele nem de mim. Ou ignora...?

E ficou suspensa, procurando adivinhar qualquer coisa na expressão de Filipe.

— Não faço a menor ideia...

— É curioso. Então já nem vale a pena fazê-la... O que supus de si!... Deve então parecer-lhe estranho que eu viesse aqui

procurá-lo. Desculpe. Mas hoje não posso estar sôzinha, tenho medo desta casa, de tudo que se liga a ela e à minha vida passada... O senhor foi um pouco de ar que entrou aqui... sem saber. Morria asfixiada há não sei quantos anos. Por vezes não podia mais, mas não tinha forças — ou antes, os outros tinham mais... Esteve em si o anjo da libertação...

— Mas está a dar-me um papel que não tive, que não sei como possa ter tido...

— Que importa isso, agora?...

Fez-se um silêncio pesado, em que ambos pareceram escutar a noite, enquanto a luz hesitante das velas lhes vinha mais os traços do rosto.

Era dia claro quando ela se levantou e disse:

— Adeus. Ainda não lhe disse o meu nome: Teresa. O seu, já o ouvi.

A luz das velas esvaía-se branca na claridade da antemanhã.

— Até isto me dá a sensação de estar longe do mundo. Parece que os outros viveram e eu fiquei lá para trás... feita em pedra.

— Vai-lhe saber bem, a vida.

— Julga possível, depois do que lhe contei? Uma mulher, sem amor, não vive. Ou supõe que algum homem pode amar-me?

— Quer ouvir-me dizer o que bem sabe?

— Obrigada. Na verdade este momento é próprio para consolações... Mas olhe que tenho a alma e o corpo muito arranhados e na carne viva as carícias ainda sangram mais... Mas agradeço-lhe. Até logo.

Estavam já perto da porta e saiu sem pressa. Filipe acendeu mais um cigarro e estendeu-se em cima da cama. Procurava relacionar os factos e as ideias das últimas horas ali passadas. Tinha sido um pesadelo. Se insistia em compreender, chegava sempre à mesma conclusão: ir-se embora. Teresa vivia desde hoje sòzinha com os criados. Não era próprio ter um hóspede em casa. Apesar de tudo. E foi dar início aos seus hábitos matutinos: fazer a barba e lavar-se. Vestiu-se e começou a passear no quarto para fazer tempo. Mas era preferível ir até ao salão das colecções. Saiu e foi pelo corredor além.

Estava a porta aberta. Ia a entrar quando de súbito reparou que era um quarto de dormir. Recuou. Porém, deu com os olhos no velho Pessanha, deitado numa cama de dossel de damasco amarelo, com as mãos postas sobre o peito e um ramo de flores aos pés.

Ficou imóvel a olhá-lo, até que resolveu entrar e ir vê-lo mais de perto. Não estava ninguém a velar o cadáver. Contudo, no chão, aos pés da cama, via-se um xaile velho que era o sinal de que estivera ali alguém durante a noite. Com curiosidade, observou o morto. Só agora reparava que ainda não o tinha podido ver bem. Só depois de morto. Estava ali sem defesa, à mercê de quem quisesse afirmar-se bem, sem ter de desviar os olhos do seu olhar insustentável. E agora, que Filipe sabia tudo! Mas em vão sondava; sentia só diante dos olhos um trágico vazio: já não era um homem que ali estava. Na pele da face havia qualquer coisa de azulado. E não tinha as pálpebras bem fechadas. Estavam entreabertas como se ainda espreitasse. Sentiu um calafrio. Cheirava a naftalina da casaca. As velas estavam

quase no fim. Olhou o quarto, em volta, mais uma vez: não, não estava ninguém. Foi encostar-se à janela, a examinar de longe: nada de anormal, um quarto como outro qualquer, um morto como outro qualquer. Neste momento ouviu passos. Entrou um velhote seguido por uma criada que trazia duas velas na mão. O respeitável intruso fez uma vénia a Filipe e caminhou para o cadáver, começando a examiná-lo. Era o médico. A criada mudava as velas. Filipe, discretamente, retirou-se. Seguiu pelo corredor quando o criado lhe veio ao encontro, dizendo que o «Senhor D. José» desejava falar-lhe. Acompanhou-o e foi ter a uma sala onde o dito senhor, um cavalheiro de voz e modos affectados, estendendo-lhe a mão, o veio esperar à porta:

— Minha sobrinha já me disse... Mas que desagradável para si, vir assistir a um aborrecimento destes! Meu Deus! Meu pobre irmão! Veja lá, cheio de saúde! Ninguém podia supor! (Falava com um ar efeminado e falso.) Foi para lá agora o Carlos, o nosso João Semana, verificar o óbito.

— Eu saía quando ele entrou no quarto.

— Ah! Vossa Excelência vinha de lá... Muito obrigado, muito obrigado... Mas sentemo-nos. Vossa Excelência fuma?

— Obrigado.

— Então, se tolera este tabaco, façame companhia.

Sentou-se. E Filipe foi ouvindo o senhor D. José Pessanha, que, numa voz feminina, se espraiaava num monólogo sem fim, a propósito do defunto, de si próprio, a propósito de tudo e a propósito de nada. Teria passado meia hora quando entrou o médico, com seu ar de velhinho tímido e honesto. D. José, quase num passo de baile, correu-lhe ao encontro.

— Então, doutor? Congestão, não é verdade? ou coração? Ai, somos uma pobre família de cardíacos!...

O clínico falava em voz baixa, como se meditasse ainda:

— Por um exame exterior nem sempre é fácil chegar a uma conclusão. O ferimento da cabeça foi o que provocou a morte. Disso não há dúvida...

— Mas foi posterior, doutor! Não vê que foi posterior! Ou quer pôr hipótese de crime? Não, não brinquemos, meu querido amigo.

— Senhor D. José, eu não pus essa hipótese. Já me disseram que a filha e a criada estavam presentes. Mostraram-me o ferro da guarda do fogão da sala, onde bateu com a cabeça... Faz-se bem a reconstituição... A minha dúvida está no diagnóstico...

— Ora, que importância tem isso?

É uma simples formalidade legal...

— Suponhamos que é só isso, senhor D. José!...

E sentou-se na cadeira, junto da mesa, tirando do bolso um papel impresso, que desdobrou enquanto o outro ia dizendo com requintes de polidez:

— Ah!, mas uma formalidade importante, meu querido amigo, mas importantíssima! Não quis diminuir...

O médico interrompeu com indiferença:

— Como se chamava seu irmão?

— João Carlos Alberto Pessanha de Albuquerque de Lemos e Cas...

— Perdão. João Carlos...

— ...Alberto Pessanha de Albuquerque... de Lemos e Castro... da Silva Pereira... Coelho de Medonça...

Espreitava por cima do ombro do velhote, não fosse haver algum engano, e ia repetindo, agora mais devagar: Pereira... Coelho... de Medonça.

— O nome dos pais?

A mesma cena. O médico tinha tremores nas mãos.

— A idade?

— Ora vejamos... O tempo, que carasco!... Sessenta e... Sessenta e seis.

— E dizem que faleceu pouco depois das três horas, não é verdade?

— Sim, por volta das três e meia. Claro que ninguém viu as horas...

D. José continuava a vigiar a escrita. Filipe tinha ido encostar-se à janela, a fumar. Olhava para o pátio e não ouvia nada. Quase ao fundo do impresso o médico parou e disse-lhe, como se esperasse ajuda:

— Deve ter sido síncope e traumatismo...

— Sim. Estou certo disso...

E o velho escreveu, pôs a data e assinou. Levantando-se, entregou a certidão a D. José. Este chamou Filipe.

— Dê-me licença que vá acompanhar o doutor.

E saíram para o corredor. Pouco depois voltou.

— São horas de comer qualquer coisa. Venha.

Almoçaram sôzinhos. No fim, Filipe pediu licença para se retirar durante um momento, a fim de ir arranjar a mala, pois tinha necessidade de partir ainda nesse dia. E foi ao quarto. Eram duas horas da tarde. Sentou-se ao pé da janela a olhar o parque, aquele matagal selvagem, as árvores velhas, as clareiras cheias de erva, troncos caídos e montes de folhas, tudo de um bucolismo doce e acolhedor. Contudo, uma jaula de feras...

— Dá licença?

Era D. José que entrava e punha as mãos na cabeça:

— Ai, os pésames; as visitas! Não posso!... Não posso mais! Deixe-me esconder ao pé de si. Lembrei-me há pouco

de lhe contar uma história passada comigo no Sião. Mas sente-se... Ou prefere estar de pé por desportismo? — E olhou Filipe com um olhar em que interrogava: «Será um atleta?»

Filipe sentou-se e o fidalgo continuou, mas agora num tom mais baixo, com a voz a apagar-se numa evocação saudosa...

— Quando andei pelo Oriente, não quis deixar de visitar Banguécoque. Todos os portugueses que viajam, por lá devem passar. A epopeia portuguesa é ali viva, patente! Ora uma noite...

E começou, com larga cópia de pormenores, uma banal aventura de amor. Depois falou da Índia, falou do mundo todo. Até que um criado bateu na porta do quarto.

— Entre.

— Perguntam a Vossa Excelência se podem fechar o caixão.

— Podem. Eu vou lá.

E voltou-se para Filipe:

— Venha.

Ouvia-se bater. Era na câmara-ar quente. D. José apressou o passo. Não que-

ria perder nenhum pormenor. Da porta viu-se o quarto cheio de gente que com expressões adaptadas e compungidas reparava em tudo, buscando os misteriosos indícios... No ar pairava uma poeira fina que secava as narinas. Era da cal que tinham deitado dentro do caixão. D. José murmurou ao ouvido de Filipe:

— Eu é que tratei disto tudo. A pequena, coitadita, está sòzinha! E a-ni-qui-la-da, como é natural...

Filipe abanou a cabeça que sim, «eu sei tudo»... De cada lado do caixão saíam duas folhas de chumbo que o soldador estava a cortar ao talhe conveniente. Depois era só ajustar e soldar. Dobrou a meia folha esquerda e tapou metade do velho fidalgo. Puxou a metade do outro lado e escondeu para sempre aquele famoso Pessanha. Nunca mais ninguém o veria. Tirou do bolso uma ferrugenta lâmina de navalha de barba e começou a raspar as juntas. Em seguida esfregou bem nas partes raspadas e brilhantes uma espécie de vela de estearina, para a solda pegar. Ao lado, sobre uma cadeira, o maçarico aquecia à chama azul do álcool.

Com o ar solene que a circunstância exigia, pegou-lhe e deu à bomba. Incendiou-se um fino jacto de gasolina, mas logo começou a funcionar bem. E o ferro tornou-se em brasa. Parecia um pistolão antigo, de carregar pela boca. Com aquela arma na mão direita, começou a derreter a vareta de solda que a mão esquerda aproximava da ponta do maçarico. D. José, puxando Filipe para fora do quarto, disse-lhe:

— O enterro ficou para esta hora, a fim de dar tempo a que viesse toda a gente. Alguns moram longe... Fez-lhe transtorno?

— Não, a mim não.

— Minha sobrinha quer falar-lhe.

— Gostaria de apresentar-lhe as minhas despedidas.

Deram a volta à casa e foram ter a uma salinha do outro lado, onde Teresa se tinha refugiado. Estava sentada diante de uma velha papelreira e escrevia. Tinha a porta entreaberta, e quando ouviu passos voltou-se. D. José empurrou Filipe para a frente.

— Vem despedir-se. Com licença. Eu volto já.

Filipe caminhou até junto dela, que o olhava fixamente. Tinha qualquer coisa de ansiedade e, ao mesmo tempo, de orgulho a sua expressão inteligente e de apatia calma. Ele sentiu uma vaga timidez, mas venceu-a para passar ao extremo oposto:

— Despeço-me de si com saudade. Parece-me que a conheço há muitos anos...

— Conhece a minha vida toda...

— Quero que conte comigo quando precisar de um amigo.

— Porque se vai já hoje embora? Sob qualquer pretexto, fique para amanhã.

— Não seria natural. Não mo peça.

— Pelo contrário. Seria muito natural...

E os olhares de ambos, fugindo, encontraram-se de uma maneira que mostrou terem compreendido o sentido destas palavras.

— Julgo que o nosso primeiro encontro não será o último.

— Irei a Lisboa tratar dos vestidos de luto e espero vê-lo então. Qual é a sua morada? Ou o seu telefone?

Filipe procurou um cartão.

— Contudo, não posso afirmar-lhe que esteja em Lisboa, agora por estas semanas próximas.

— Não?...

— Não sei.

— Se se lembrar de mim, mande-me dois ou três livros que me interessem. E outra pergunta: não acha que sou de um temperamento... pouco vulgar? De pois do que aconteceu, escrevo a uma amiga, converso calmamente consigo... Queria dizer-lhe ainda... não sei o quê...

Soaram os passinhos do velho no corredor.

— O imbecil do tio José...

— Adeus.

— Espere, não tenha pressa. Se nunca mais nos virmos...

— Nunca mais, porquê?

— Por irmos cada um para seu lado. Sabemos lá para onde...

— Gostava de me esquecer de si... Não sei...

Elhou-a com surpresa como quem de repente visse uma coisa importante em que ainda não tinha reparado. Ela pegou-lhe na mão e ficou calada, a fitá-lo nos olhos, com um sorriso sereno. D. José chegava à porta:

— Só esperamos por si.

Largou-lhe a mão, sem dizer mais nada.

Filipe regressou ao quarto, onde estava um criado à espera. Pegou no sobretudo ainda encharcado da chuvada da véspera, no chapéu, e saiu, seguindo o criado. Ao chegar à porta da rua viu que o enterro já ia a sair o portão e ficou admirado de ver tanta gente no acompanhamento. A urna ia na frente, sobre uma carreta puxada à mão. A pegar nas borlas, seis venerandos senhores. Talvez parentes. Filipe juntou-se ao fim do cortejo. Os acompanhantes começaram a olhá-lo com curiosidade malcontida. E pouco adiante o séquito parou. Um homem lia um papel e dizia nomes em voz alta: *Dr. Florindo de Almeida... Dr. Eusébio da Cunha...* Todos iam vestidos de preto, com o chapéu numa das mãos e o guarda-

-chuva na outra. Só ele ia de fato cinzento e gravata às riscas azuis. O cortejo parou outra vez. O mesmo homem lia o papel. Filipe não dava atenção. Eram nomes desconhecidos. Mas vinham de boca em boca, pelo acompanhamento abaixo, surdamente: *Visconde da Poça... Visconde da Poça...* Filipe olhava o céu: não devia chover... *Filipe da Maia... Filipe da Maia!*

— Que é?

— É o senhor.

— Eu?...

— Para ir às borlas...

Ficou hesitante. «Pegar às borlas!» Caminhos maquinaalmente. Houve um agitar de curiosidade. Já o vinham chamar. O gato-pingado meteu-lhe na mão a borla macia e preta, que um cordão de veludo ligava ao ataúde, e o séquito retomou a marcha arrastada, lenta, solene. Ao longe, na planície, viam-se aparecer as casitas brancas da vila. Lá estavam os altos ciprestes do cemitério, à espera.

E Filipe marchava ao som rangido das rodas da carreta, com a borla de veludo apertada na mão. Caminhava vago

e obcecado por uma ideia, pisando a
mesma estrada por onde na véspera tinha
vindo, sem saber para onde...

Æ